



**Universidade Federal  
de Campina Grande**

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM  
COMUNIDADES DO SERTÃO PARAIBANO – BRASIL.**

**DINARTE FARIAS DE LUCENA**



**PATOS, PARAÍBA  
NOVEMBRO/ 2011**

DINARTE FARIAS DE LUCENA

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM  
COMUNIDADES DO SERTÃO PARAIBANO – BRASIL.**

Monografia apresentada ao  
Curso de graduação de Ciências  
Biológicas como parte das  
exigências para obtenção do  
grau em Licenciatura em  
Ciências Biológicas.

ORIENTADORA: MARIA DAS GRAÇAS VELOSO MARINHO

PATOS, PARAÍBA

NOVEMBRO/ 2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Agosto de 2022.

Sumé - PB

DINARTE FARIAS DE LUCENA

ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM  
COMUNIDADES DO SERTÃO PARAIBANO – BRASIL

Monografia apresentada ao  
Curso de graduação de Ciências  
Biológicas como parte das  
exigências para obtenção do  
grau em Licenciatura em  
Ciências Biológicas

L935e  
2011

Lucena, Dinarte Farias de

Estudo etnobotânico de plantas medicinais em comunidades do Sertão  
paraibano-Brasil. / Lucena, Dinarte Farias de .- Patos-PB: UFCG, CSTR,  
UACB, 2011.

62p.: il.

Bibliografia

Orientadora: Rosália Severo de Medeiros

Monografia (Graduação em Ciências Biológicas)

1 – Plantas Medicinais 2 – Estudo Etnobotânico. I Título.

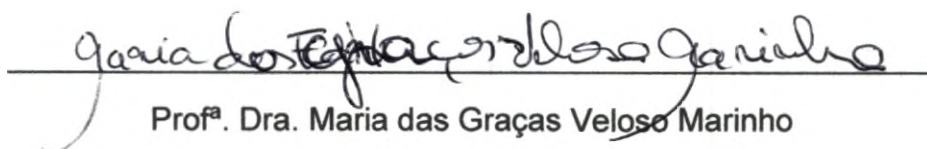
CDU: 633.88

DINARTE FARIAS DE LUCENA

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES  
DO SERTÃO PARAIBANO – BRASIL.**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande como parte dos requisitos para obtenção da graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

**Banca Examinadora:**



Prof.ª. Dra. Maria das Graças Veloso Marinho

- Orientadora -

---

Prof.ª. Dra. Maria de Fátima de Araújo Lucena

- 1ª Examinadora -

---

Prof. Dr. Éder Ferreira Arriel

- 2º Examinador -

*Dedico a primeiramente a Deus pela oportunidade de poder realizar esse sonho. Dedico a minha família, pela força e a confiança que sempre demonstraram em todos os momentos. Agradeço por acreditarem em mim. Aos meus amigos de curso, que me apoiaram nessa batalha em favor do conhecimento.*

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS por ter iluminado meu caminho durante toda essa jornada, por não ter deixado desanimar nessa longa busca pela realização de um sonho.

A meu pai e minha mãe, que tanto amo. Aos meus irmãos, Damião Lucena e Dezaix Lucena, por toda convivência de alegria a qual desfrutamos.

À minha orientadora, a Doutora Maria das Graças Veloso Marinho, por todo conhecimento repassado durante o curso, por aceitar ser minha luz nesses momentos finais do curso e por ser acima de tudo uma amiga de todas as horas!

Ao professor e Diretor Paulo de Melo Bastos, por sempre estar a disposição quando necessário e por ter nos proporcionado condições para o desenvolvimento de todas as atividades do curso.

À UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campus de Patos, pela viabilização de meios para realização deste trabalho.

Aos professores Luciano Brito Jr., Erich de Freitas Mariano, Carlos Eduardo A. Soares, Jair Moisés de Sousa, Stephenson H. F. Abrantes, Éder Ferreira Arriel, Rosalva Dias da Silva, Maria de Fátima de Araújo Lucena, Elzenir Pereira de O. Almeida que foram fundamentais para minha formação.

A todos os professores que deram sua contribuição ao longo do curso.

A todos os funcionários, de todos os setores, pela forma carinhosa que sempre me trataram.

Agradeço também aos meus amigos e companheiros da turma e do curso, que compartilhamos juntos momentos inesquecíveis que ficarão guardados em meu coração para todo sempre. Em especial a José Bernado, Damião Lucena Jr., Elza Almeida, Wanessa Rinalde, Luciano, Janaína Larice, Escarião Nóbrega, Ana Priscila, Érica Borges, Jussara Ferreira, Leonildo Victor e Karla Aparecida.

À comunidade de Vista Serrana, pela atenção e colaboração com as informações prestadas para esse trabalho.

Aos meus tios e tias, em especial, ao Professor Osam Batistas Medeiros e Alba Lanúcia Gil pelo acolhimento e incentivo durante o curso. Aos meus primos e primas, pelas ajudas concedidas sempre que necessário.

Aos amigos exteriores da universidade e companheiros do ônibus que conviveram comigo muitos momentos nesses cinco anos que e me deram muito apoio, em especial Karol Wojtila Pinheiro, Cleonides Dias, Camila Pinheiro, Helder Brito, Heitor Brito, Alixandre Garcia, Elton Nobre, Wedson pinheiro e Paulo Henrique Gil.

Obrigado a todos!



“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças”.

Charles Darwin

## RESUMO

LUCENA, D.F. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais em comunidades do Sertão Paraibano – Brasil.** 2011. Monografia (graduando) curso de Ciências Biológicas, CSTR, UFCG, Patos-PB, 2011.

Realizou-se um levantamento das plantas medicinais por meio de entrevista com 50 moradores do município de Vista serrana/PB. Utilizou-se questionário semi-estruturado que abordou o nome popular da planta, parte usada, forma de preparo e usos locais. Os resultados mostraram 26 espécies pertencentes a 19 famílias botânicas na categoria medicinal, sendo que a aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All), o cajú (*Anacardium occidentale* L), a malva do reino (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), a erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.) e a macela (*Egletes viscosa* (L.) Less.) apresentaram frequência de citação  $\geq 20$ .

**Palavras-chave:** Etnobotânica, Vista serrana, prevenção, espécies utilizadas.

## ABSTRACT

LUCENA, D.F. **Ethnobotanical survey of the medicinal plants in the backwoods community of the Paraíba – Brazil.** 2011. Monografia (graduando) curso de Ciências Biológicas, CSTR, UFCG, Patos-PB, 2011.

An ethnobotanic survey of the medicinal plants was carried out by interviewing 50 inhabitants of Vista Serrana/ PB municipality. Data on the popular name and structure of the plant used for medicine or food production, and manipulation and preparation local techniques were collected. Data analyses showed that 19 plant families and 26 plant species were classified as medicinal plants, and *Myracrodruon urundeuva* Fr. All., *Anacardium occidentale* L., *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng., *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br., and *Egletes viscosa* (L.) Less., had a frequency of  $\geq 20$  citation.

**Keywords:** Ethnobotanic, Vista Serrana, prevention, most used species.

## LÉXICO DAS PROPRIEDADES MEDICINAIS DAS PLANTAS

(Fontes: Matos, 1992; Agra, 1996; Sá, 2001; Carriconde, 2002; Berti, 2003, Lima *et. al.* 2006)

**Adstringente:** que ou o que produz constrição, relativo a, ou aquilo que causa contração ou sensação de repuxamento na pele ou em outro tecido orgânico.

**Afecção:** doença.

**Analgésica:** que suprime a dor, que paralisa, anestesia.

**Anexite:** inflamações de ovários e trompas.

**Antiamenorréica:** ausência, suspensão da menstruação.

**Antiasmática:** combate a asma, doença respiratória caracterizada por cansaço, tosse, chiado no peito e falta de ar.

**Anticoagulante:** age na prevenção de formação de trombos sanguíneos.

**Antidiarréico:** combate a diarreia, a eliminação de fezes líquidas.

**Antiespasmódica:** que evita ou alivia espasmos e contração súbita.

**Antiflogístico:** reduz as inflamações, opondo-se às reações naturais do organismo.

**Anti-helmíntica:** v. vermífugo.

**Anti-hemorróidal:** combate a hemorróidas.

**Anti-inflamatório:** v. Antiflogístico

**Antimicrobiana:** que combate micróbios.

**Béquico:** que combate a tosse, antitussígeno.

**Cefaléia:** dor de cabeça.

**Dispepsia:** dificuldade de digerir.

**Diurético:** aumenta a diurese (ou secreção urinária), a quantidade de urina.

**Emenagogo:** restabelece o fluxo menstrual; provoca a menstruação.

**Estomáquica:** relativo ao estômago.

**Expectorante:** a ação exercida sobre as vias respiratórias, ajudando a expulsar o catarro dos canais bronquiais.

**Febrífuga:** que combate a febre.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – Local de trabalho. Município de Vista Serrana, estado da Paraíba, Nordeste do Brasil .....	33
<b>FIGURA 2</b> - Vista da cidade de Vista Serrana/PB .....	34
<b>FIGURA 3</b> – Distribuição por sexo e faixa etária dos informantes de Vista Serrana/PB .....	38
<b>FIGURA 4</b> – Distribuição dos informantes por tempo de residência em Vista Serrana/PB .....	39
<b>FIGURA 5</b> – Representação percentual do grau de instrução dos informantes do município de Vista Serrana/PB .....	40
<b>FIGURA 6</b> – Herança de conhecimento das espécies de plantas dos informantes de Vista Serrana/PB .....	41
<b>FIGURA 7</b> – Partes da planta utilizadas nas preparações das espécies medicinais no município de Vista Serrana/PB .....	42
<b>FIGURA 8</b> – Modo de preparo das espécies medicinais citadas pelos entrevistadores de Vista Serrana/ PB .....	43
<b>FIGURA 9</b> – Procedência das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Vista Serrana/ PB .....	44
<b>FIGURA 10</b> – Plantas Medicinais do município de Vista Serrana, Paraíba, com respectivos nomes populares de acordo com a frequência de citações .....	46

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1 – Plantas medicinais utilizadas pelos informantes do município de Vista Serrana, Paraíba, Brasil .....</b>	<b>48</b>
--	-----------

## SUMÁRIO

<b>1º CAPÍTULO - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>14</b>
<b>1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>23</b>
<b>2º CAPÍTULO - LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS EM ÁREA DE CAATINGA DO MUNICÍPIO DE VISTA SERRANA, PARAÍBA, BRASIL .....</b>	<b>28</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>2. MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>33</b>
Caracterização da área de estudo .....	33
Aspectos fisiogeográficos .....	34
Seleção da área .....	35
Escolha da população .....	35
Levantamento etnobotânico .....	36
Coleta e identificação de espécies vegetais.....	36
Análises dos dados .....	37
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>38</b>
Faixa etária e sexo dos informantes .....	38
Tempo de residência no local .....	39
Grau de instrução .....	40
Herança co conhecimento do uso de plantas medicinais .....	41
Partes das plantas utilizadas nas preparações das espécies .....	42
Modo de preparo dos remédios .....	43
Obtenção das espécies .....	44
Plantas medicinais .....	45
<b>4. CONCLUSÕES .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>58</b>



## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A investigação etnobotânica baseia-se na busca do conhecimento popular procurando conhecer a cultura e o dia a dia da comunidade pesquisada, o uso das espécies vegetais com fins de tratamento e cura de doenças, desde o momento em que o homem despertou para a consciência e começou um longo percurso de manuseio, adaptação e modificação dos recursos naturais para seu próprio benefício. A importância das informações etnobotânicas para o homem vem a ser o conhecimento de dados populares que podem, até então, estar restritos a determinadas pessoas ou regiões. Já para a saúde pública, estas informações etnobotânicas quando comprovadas cientificamente, podem ser utilizadas pela sociedade podendo ser mais acessível em relação ao custo/benefício.

Durante muito tempo, a investigação etnobotânica era conhecida como sinônimo da botânica econômica, tendo sua história paralela à evolução da botânica sistemática e econômica. Observações relativas ao uso de plantas por culturas diferentes da européia, aparentemente exóticas, eram feitas por exploradores, comerciantes, missionários, antropólogos e botânicos, constituindo desta forma as raízes da Etnobotânica enquanto disciplina acadêmica (JORGE, 2001).

Inicialmente os estudos se preocupavam apenas em catalogar os usos das plantas utilizadas pelos povos indígenas ao redor do mundo. Prance (1985) lembra que foi com os trabalhos de Carolus Linnaeus que a história da botânica e da etnobotânica teve início; segundo o autor, Linnaeus enviava seus alunos para diversas partes do mundo de onde traziam grande número de espécies novas, como também dados referentes às culturas visitadas, os costumes dos habitantes e o modo como utilizavam as plantas. Os diários de viagem continham riqueza de dados etnobotânicos.

Alphonse De Candolle publicou 'Origin of cultivated plants', em 1886, onde dados etnobotânicos foram empregados nos estudos sobre a origem e distribuição de plantas cultivadas (ALBUQUERQUE, 2002)

Em 1887, Stephen Powers usou o termo "Botânica Aborígine" para descrever o estudo de todas as formas do mundo vegetal usadas pelos aborígenes. Numerosos

trabalhos semelhantes a este foram realizados, o que levou aos primeiros estudos de etnobotânica com grupos étnicos individuais (JORGE, 2001).

O termo Etnobotânica foi empregado pela primeira vez por Harshberger, em 1895, para designar o estudo sobre a utilização dos vegetais pelos aborígenes, mas na realidade, desde a antigüidade o homem preocupou em analisar e catalogar os diversos usos das plantas, que embora não o tenha definido, apontou maneiras pelas quais ela poderia servir à investigação científica (JONES 1941; AMOROZO, 1996). Nesse contexto é possível analisar a importância do saber popular histórico que repassado de geração a geração durante vários séculos.

Segundo Martin (1995), a etnobotânica é parte da etnoecologia que trata das relações com as plantas. Etnoecologia é o estudo que descreve as interações de populações locais com o ambiente natural.

A etnobotânica é citada na literatura como sendo um dos caminhos alternativos que mais evoluiu nos últimos anos para a descoberta de produtos naturais bioativos (MACIEL *et al.*, 2002). Com o desenvolvimento das ciências naturais e, posteriormente da antropologia, o estudo das plantas e seus usos por diferentes grupos humanos passou a ter outra visão.

A partir de meados do século XX, o conceito da etnobotânica foi evoluindo, com diversos pesquisadores apresentando suas definições, de acordo com os estudos que realizavam (COTTON 1996).

Atualmente, esta ciência busca não só registrar o uso dos vegetais, mas também as formas de manejo que as comunidades tradicionais realizam para obter e manter os recursos que necessitam. Estuda, assim, a total interação entre comunidades tradicionais e a vegetação ao seu redor (MARTIN, 1995); as inter-relações planta/homem, integrados num dinâmico ecossistema de componentes naturais e sociais (ALCORN, 1995); o estudo das relações mútuas entre plantas e culturas humanas, como as plantas são classificadas, nomeadas, usadas e manejadas, e como a sua exploração pelo homem influencia a sua evolução (COTTON, 1996); ou ainda, a totalidade de emprego das plantas numa determinada cultura (FORD, 1986). Seu significado foi ampliado por Robbins (1916) apud Jorge (2001), que sugere a inclusão da investigação e avaliação do conhecimento de

todas as fases de vida da planta e os efeitos que têm sobre a história de vida deste povo (PLOTKIN, 1995).

Schultes em 1967 amplia este conceito para as relações entre o homem e a vegetação de seu ambiente. Em sua pesquisa eram incorporados, sempre que possível, dados botânicos, antropológicos, químicos e farmacêuticos. Também começou a escrever sobre a importância de conservar os dados etnobotânicos das regiões, visto que as guerras, o aumento dos interesses comerciais, o turismo, entre outros fatores, podiam levar ao desaparecimento dessas culturas (PLOTKIN, 1995).

Xolocotzi (1982) definiu a etnobotânica como o campo científico que estuda as inter-relações que se estabelecem entre o ser humano e as plantas através do tempo e em diferentes ambientes.

Ford (1986), por sua vez, a definiu como o estudo das inter-relações diretas entre homens e plantas. Por causa dessa abrangência, a prática da etnobotânica necessita de uma elaboração e colaboração interdisciplinar. Prance (1991) enfatiza que a participação de pesquisadores das áreas da botânica, antropologia, ecologia, química, engenharia florestal e agronomia possibilitam maiores progressos nas pesquisas etnobotânicas, abordando de maneira múltipla como o homem percebe, classifica e utiliza as plantas.

Segundo Alexiades (1996) a etnobotânica representa o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e todos os tipos de inter-relações: ecológicas, evolucionárias e simbólicas.

Entre muitos outros questionamentos, Alcorn (1995) apud Jorge & Morais, (2003) analisa a etnobotânica por intermédio das relações entre os seres humanos e os recursos vegetais, procurando responder a questões como: quais as plantas que estão disponíveis em determinado ambiente; quais plantas são reconhecidas como recursos; como o conhecimento etnobotânico está distribuído na população; como os indivíduos percebem, diferenciam e classificam a vegetação e como esta é utilizada e manejada.

Baseada na definição dada por Posey (1987) para Etnobiologia, Amorozo (1996) define a Etnobotânica como a disciplina que se ocupa do estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito

do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como um grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas.

Por meio da análise qualitativa e cronológica dos trabalhos realizados, pode-se observar que houve uma evolução conceitual e metodológica a respeito da etnobotânica. Atualmente, a etnobotânica quantitativa passa a fazer parte da abordagem, como complementação dos estudos. Prance (1995) comenta que este tipo de pesquisa se tornará o futuro da etnobotânica. Também Albuquerque (2000) cita a necessidade de quantificação dos dados nos estudos etnobotânicos e alerta para discussões sobre os direitos de propriedade intelectual e o retorno dos benefícios da investigação etnobotânica para as comunidades estudadas.

Segundo Souza (1998) apud Jorge (2001), em curto prazo outras formas de retorno podem ser previstas pelo pesquisador, como palestras sobre temas de interesse da comunidade; implantação de hortas medicinais; confecção de cartilhas que venham instruir sobre a prática fitoterápica. Ao longo do trabalho, pode-se orientar a comunidade sobre a importância do seu **saber**, para que seja universalizada.

Os homens buscam na natureza a solução para a “cura” de diversos males do cotidiano, procuram recursos para melhorar suas próprias condições de vida, aumentando suas chances de sobrevivência. Tal interação é fortemente evidenciada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos recursos vegetais são dos mais diversos e importantes em várias culturas, como é o caso da alimentação e das finalidades medicinais, bem como a construção de moradias e a confecção de vestimentas (BALICK & COX, 1997).

É possível observar que a partir das duas últimas décadas o consumo individual de fitoterápicos (medicamentos que contêm partes de plantas) aumentou em todo o mundo e muitos investimentos foram alocados em pesquisas para obtenção de novos remédios a base de plantas. Historicamente, muitas pessoas têm se interessado em entender as relações entre membros de sua própria cultura ou de diferentes grupos culturais e as plantas. A Etnobotânica aborda a forma como as pessoas incorporam as plantas em suas tradições culturais e práticas populares (BALICK & COX, 1997) ou, de acordo com ALCORN (1995), a Etnobotânica é o estudo das inter-relações entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos. Segundo HANAZAKI (2006), “abordagens etnobotânicas podem fornecer respostas

importantes tanto para problemas de conservação biológica como para questões direcionadas para o desenvolvimento local”.

As plantas possuem grandes variações de substâncias em suas composições, é isso que proporciona a grande diversidade de plantas utilizadas com fins medicinais, algumas delas ainda desconhecida da medicina moderna. Estas plantas têm na sua composição substâncias em comum entre elas como água, sais minerais, ácidos orgânicos, hidratos de carbono ou substâncias protéicas. Os componentes que diferenciam as plantas de acordo com suas características, conferindo-lhes valor terapêutico e aromático, são os seus princípios ativos (COSTA LOBO, 2007).

É importante ressaltar que, muitas vezes, o uso de plantas com fins medicinais é comum em cidades do interior, onde o difícil acesso à saúde pública ou a falta de condições financeiras, restringem essas populações ao uso de remédios de fabricação caseira. Portanto, catalogar e registrar corretamente informações sobre o uso de plantas medicinais é de importância fundamental para a fitoterapia brasileira. O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de muitas comunidades de grupos étnicos. Atualmente nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais (MACIEL et al., 2002).

Uma preocupação dos estudiosos é com relação ao uso indiscriminado de plantas com fins medicinais, isso porque algumas plantas possuem substâncias tóxicas que usadas sem o conhecimento adequado pode causar sérios danos a saúde e até levar a morte em alguns casos. Segundo Matos (1989) dentre os principais riscos no uso de plantas medicinais estão: o uso descuidado de plantas tóxicas, a utilização de plantas que contenham substâncias tóxicas de ação retardada, o uso de plantas acometidas por microorganismos, talvez por terem sido mal preparadas e mantidas em recipientes e locais impróprios e o uso de plantas indicadas ou adquiridas erradamente. Nesse contexto, faz-se necessário o uso do conhecimento científico frente ao conhecimento popular.

Esses conhecimentos existentes nas comunidades tradicionais proporcionam valiosas informações sobre propriedades terapêuticas de plantas encontradas em seu ambiente natural, o que pode ser uma ferramenta poderosa na descoberta de

novos medicamentos. Além disso, desempenham também um importante papel sócio econômico para os cidadãos urbanizados, onde a utilização de espécies medicinais cultivadas em seus quintais reduz, e muitas vezes eliminam os gastos com medicamentos sintéticos, que para algumas famílias brasileiras, especialmente as que têm crianças e idosos constitui um item pesado no orçamento doméstico (CALIXTO & RIBEIRO, 2007).

O que fica evidente principalmente nas comunidades de cidades do interior do Brasil é uma tendência a uma alimentação predominantemente natural em razão do alto consumo de frutas e verduras. Algumas dessas frutas usadas na alimentação cotidiana também são consideradas medicinais, o que favorece a prevenção de uma série de doenças. Isso nos leva a pensar que incidência de doenças que surgem com o passar dos anos pode ser amenizada pela introdução de bons hábitos alimentares. A carência nutricional na região Nordeste tem sido responsável por uma série de problemas da saúde ocasionados pela falta de apoio financeiro e falta de uma política adequada direcionada as populações de baixa renda, o que proporcionaria a melhoria de vida.

O Brasil possui a maior biodiversidade do planeta, juntamente com Indonésia, Peru, Colômbia e México. Detém 28% do que restam de florestas tropicais e o maior número (22%) de espécies de plantas superiores. Dessas estima-se que 40% devem conter propriedades terapêuticas (ELISABETSKY & COSTA-CAMPOS, 1996). Essa é uma das características que faz do Brasil um grande laboratório a céu aberto. Mesmo assim, o Brasil apresenta uma escassez de informações sobre seus recursos naturais, sobretudo no Nordeste, onde poucos trabalhos foram realizados (ALMEIDA & ALBUQUERQUE 2002). De acordo com Albuquerque (2001) os ecossistemas menos estudados são os relativos às florestas secas (caatinga e cerrado). Dentro desse contexto nota-se a importância e a necessidade de trabalhos nessa área, proporcionando pesquisas etnobotânicas de relevância importância para a medicina moderna.

A Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro e se apresenta como o quarto bioma mais extenso do país, ocupando uma área de aproximadamente 735.000 quilômetros quadrados. Representa 70% da região Nordeste e 11% do território nacional, onde vivem aproximadamente 28 milhões de habitantes. Recentemente a Caatinga foi reconhecida como uma das 37 "Grandes Regiões Naturais do Mundo". Toda a caracterização da Caatinga deixa evidente a

importância dos estudos etnobotânicos nesse bioma que, apesar de exclusivo, ainda possui poucas informações sobre sua diversidade florística.

A Etnobotânica tem sido objeto de estudo no mundo e no Brasil, onde as diversas áreas de investigação tentam resgatar o conhecimento popular a respeito dos vegetais, seus usos e especialmente ao uso medicinal. A intensificação dos trabalhos etnobotânicos leva a conhecer as espécies ainda utilizadas e poderá servir como instrumento para delinear estratégias de utilização das espécies nativas e seus potenciais (MING *et al.*, 2000). O mesmo autor (MING, 1996) refere-se à importância em desenvolver estudos sobre as propriedades farmacológicas das espécies, para que não se tenham de importar fitoterápicos.

A prática etnobotânica recebeu diferentes enfoques com o passar do tempo, cada qual refletindo a formação acadêmica dos pesquisadores envolvidos. Sendo de natureza interdisciplinar, permitiu e permite agregar colaboradores de diferentes ciências, com enfoques diversos como o social, cultural, da agricultura, da paisagem, da taxonomia popular, da conservação de recursos genéticos, da lingüística e outros (MING & AMARAL JÚNIOR, 1995).

Atualmente, com base nos trabalhos já realizados, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, devendo-se somar a este os fatores ambientais e culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (JORGE & MORAIS, 2003).

No Brasil, por exemplo, os alemães J. B. von Spix e Carl F. P. von Martius, no século XIX, fizeram notas do uso de plantas pelos indígenas. Já muito antes (no século XVII) no Nordeste do Brasil, os holandeses Guilherme Piso e Georg Marggraf coletaram plantas e registraram usos conhecidos pelos nordestinos (ALBUQUERQUE, 2002).

Os trabalhos etnobotânicos no Brasil foram, em grande maioria, realizados em tribos indígenas, principalmente na Amazônia e outras regiões do país abordaram os usos que os índios faziam dos vegetais, fazendo levantamento e registros dos mesmos e das formas de utilização dado pela histórica relação dessas comunidades com a floresta tropical. Assim Prance (1972) realizou um estudo comparativo com quatro tribos, os Dení, os Jamamadí, os macú e os Waiká, registrando as espécies silvestres e cultivadas utilizadas por eles para diversos fins;

observou uma grande diversidade de recursos usados por essas tribos na alimentação, como veneno para caça e pesca, como narcóticos, materiais de construção, medicinais, pinturas corporais, entre outros. Por causa dessa riqueza de conhecimento por parte das comunidades indígenas, outros tipos de comunidades ficaram como que desprezadas durante um período, sem interessar aos etnobotânicos.

De alguns anos para cá, estas outras comunidades passaram a ser também alvo de estudos etnobotânicos, como por exemplo, as rurais, formadas por caboclos, caiçaras e camponeses (BRANCH & SILVA, 1983; SALES & LIMA, 1985; AMOROZO & GÉLY, 1988; KAINER & DURYEY, 1992; AMOROZO, 1993; JARDIM & STEWART, 1994); comunidades de pescadores e litorâneas (BEGOSSI *et al.* 1993; FIGUEIREDO *et al.* 1993); comunidades e grupos culturais negros (GUEDES *et al.* 1985; BERG 1991; ALBUQUERQUE & CHIAPPETA 1994, 1995, 1996, 1997; ALBUQUERQUE 1997, 1998; ALBUQUERQUE & ANDRADE 1998).

Para o Nordeste poucas pesquisas têm sido realizadas junto a comunidades, destacando-se nesta área, o trabalho de Sales & Lima (1985) que realizaram o levantamento das plantas utilizadas para diversos fins na microrregião de Soledade, Paraíba, em áreas de Caatinga. As espécies foram identificadas de acordo com as formas de uso, das quais as principais foram medicinais (88%), combustível (80%) e alimentícia (35%). Foi calculado também o percentual de uso das espécies citadas, destacando-se a "catingueira" (*Caesalpinia pyramidalis*), com 95% para várias formas de uso.

Silva (2000) realizou estudos etnobotânicos em comunidades situadas na zona do Litoral-Mata do estado de Pernambuco em relação ao perfil sócio-econômico e vegetação. Levantou as plantas úteis para estas comunidades por meio de 54 entrevistas não-estruturadas, enquadrando-as nas categorias de uso alimentação, comércio, construção, mágico, medicinal, tecnológico e outros. Foram registradas 392 espécies, nativas e cultivadas.

Albuquerque & Andrade (2002) estudaram o conhecimento botânico tradicional em uma comunidade rural situada no município de Alagoinha, agreste do Estado de Pernambuco. Foi empregada uma boa variedade de métodos de pesquisa, incluindo levantamentos florísticos em sistemas agroflorestais e em vegetação natural. As pessoas identificaram e/ou usam mais de 180 espécies de



plantas distribuídas em 10 categorias: comida, medicinal, madeira (para combustível, construção etc.), uso doméstico (tecnologia), forragem, veneno, repelente de inseto, ornamentação, sombra e místico.

Paula *et al.* (2003) realizaram estudos etnobotânicos de plantas de uso medicinal na comunidade da região arqueológica de Central - Bahia. Foram indicadas 61 espécies distribuídas em 32 famílias, onde a predominância das Leguminosae (24,57%) se atesta com 8,19% para cada subfamília (Papilionoideae, Caesalpinoideae e Mimosoideae) e Euphorbiaceae com 8,19%.

Segundo Silva (1997) os trabalhos de etnobotânica têm se limitado à região Norte do país. Albuquerque & Andrade (2002) ressaltaram ainda, que ecossistemas como Mata Atlântica e caatinga são ainda pobres em investigação da relação seres humanos/natureza.

Visando contribuir para o preenchimento desta lacuna neste trabalho realizou-se um estudo etnobotânico das plantas medicinais em comunidades do município de Vista Serrana que fica localizada na região oeste do Estado da Paraíba, antigo reduto dos índios da tribo Pêgas. Possui uma área de 61 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 0,11 km<sup>2</sup> da área do estado. O município situa-se na mesorregião do sertão paraibano e na microrregião de Sousa no semi-árido paraibano, uma das áreas mais secas do país (IBGE, 2010). Reconhecendo a importância da caatinga para a região, e a necessidade de maior conhecimento sobre sua flora, o estudo etnobotânico realizado nesta localidade buscou resgatar o conhecimento dos moradores sobre as plantas medicinais, que fazem parte do seu ambiente cotidiano e de sua história de vida.

A realização deste estudo contribui para o resgate e manutenção do conhecimento botânico tradicional no sertão paraibano, nordeste do Brasil, o saber popular sobre as plantas e seus usos, assim como da identidade social e cultural das comunidades estudadas. Finalmente, as informações aqui apresentadas poderão servir de base para novos estudos etnobotânicos, a serem realizados em outras comunidades do sertão paraibano e ecossistemas associados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. de. Etnobotânica de uma bebida cerimonial no Nordeste Brasileiro. **Revista Brasileira de Farmacia**, v.78, n.4, p.86-89, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. de & ANDRADE, L. de H. C. Etnobotânica del género *Ocimum* L. (LAMIACEAE) en las comunidades afrobrasileñas. **Anals del Jardín Botánico de Madrid**, v. 56, n. 1, p. 107-118. 1998.

\_\_\_\_\_. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P. de. Etnobotânica no Nordeste Brasileiro. In: CAVALCANTI, T.B. (Org.). **Tópicos atuais em botânica**: Palestra convidada do 51º Congresso Nacional de Botânica. Brasília: Embrapa, 2000. p. 241-249.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Etnobotânica**. Recife: Bagaço, 2002,.87 p.

ALBUQUERQUE, U. P. de & CHIAPPETA, A. de A. O uso das plantas e a concepção de doenças e cura nos cultos afro-brasileiros. **Ciência & Trópico**, v. 22, n. 2, p. 197-210, 1994.

\_\_\_\_\_. Formas de uso de espécies vegetais de cultos afro-brasileiros em Recife - PE. **Biologica Brasilica**, v. 6, n. 1/2, p. 11-120, 1995.

\_\_\_\_\_. Levantamento das espécies vegetais empregadas nos cultos afro-brasileiros em Recife-PE. **Biologica Brasilica**, v. 7, p. 9-22, 1996.

\_\_\_\_\_. Pteridófitas utilizadas nos cultos afro-brasileiros em Recife-PE: um estudo etnobotânico. **Biologica Brasilica**, v. 7, p. 23-32, 1997.

\_\_\_\_\_. O uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciência**, v.27, n.7, p.336-346, 2002

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à Etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 120p. 2005.

ALCORN, J.B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E. & von REIS, S. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press. 1995.

ALEXIADES, M. N. **Selected guidelines for Ethnobotanical research: a field manual.** New York, New York Botanical Garden. 1996. 306p.

ALMEIDA, C. F. C. B. R de & ALBUQUERQUE, U. P. de. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v.27, n.6, p.276-285, 2002

AMOROZO, M.C. de M. Algumas notas adicionais sobre o emprego de plantas e outros produtos com fins terapêuticos pela população cabocla do Município de Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica**, v. 9, n. 2, p. 249-266, 1993.

AMOROZO, M.C.M. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciências – um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: UNESP, 1996. p.47-68.

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, n.2, p. 189-203, 2002.

AMOROZO, M.C.de M. & GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Bacarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paranaense Emilio Goeldi, Série Botânica**, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.

BALICK, M.J. & COX, P.A. **Plants, people and culture.** New York: Scientific American Library, 1997.

BEGOSSI, A.; LEITÃO-FILHO, H. F. & RICHERSON, P. J. Plant uses in a Brazilian coastal fishing community (Búzios Island). **Journal of Ethnobiology**, v. 13, n. 2, p. 233-256, 1993.

BERG, M. E. Van Den. Aspectos botânicos do culto afro-brasileiro da Casa das Minas do Maranhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica**, v. 7, v. 2, p. 485-197, 1991.

BRANCH, L. C. & SILVA, M. F. Folk medicine of Alter do chão, Pará, Brazil. **Acta Amazonica**, v. 13, n 5-6, p. 737-797, 1983.

CALIXTO, J.S. & RIBEIRO, E.M. **O cerrado como fonte de plantas medicinais para o uso dos moradores de comunidades tradicionais do alto Jequitinhonha, MG.**2002. Disponível em:

<[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT02/GTJuliana.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT02/GTJuliana.pdf).>

Acesso em: 25 Mai. 2011.

COSTA LOBO, A. **Plantas Aromáticas, Medicinais e Condimentares.**

Disponível em: <<http://www.naturlink.pt/canais/Artigo.asp?iArtigo=1803&iLingua=1>>  
Acesso em: 11 Fev. 2010.

COTTON, C.M. **Etnobotany: principales and applications.** New York: J. Wiley, p.1-18. 1996.

ELISABETSKY, E.; COSTA-CAMPOS, L. Medicinal plant genetic resources and international cooperation: the Brazilian perspective. **Journal of Ethnopharmacology.** 51 (1-3): 111-9, 1996.

FIGUEIREDO, G. M.; LEITÃO-FILHO, H. F. & BEGOSSI, A. Ethnobotany of Atlantic Forest coast communities diversity of plant uses in Gamboa (Itacuruçá Island, Brazil). **Human Ecology**, v. 21, n.4, p. 419-430, 1993.

FORD, R. I. **An etnobiology source look the use of plants and animals by American Indian.** New York, Garland publishing Inc., 1986. 170p.

GUEDES, R. R. et al.. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no Estado do Rio de Janeiro - um ensaio etnobotânico. **Rodriguesia**, v. 37, n. 63, p. 3-9, 1985.

HANAZAKI, N. Etnobotânica e conservação: manejar processos naturais ou manejar interesses opostos? In: MARIATH, J.E.A. & SANTOS, R.P. (eds.). **Os avanços da Botânica no início do século XXI: morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética.** Conferências Plenárias e Simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil. 2006.

IBGE, 2010. Censo Demográfico de 2010. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Vista Serrana, fornecidos em meio eletrônico. [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br). Acesso em: 12 OUT. 2011.

JARDIM, M. A. G. & STEWART, P. J. Aspectos etnobotânicos e ecológicos de palmeiras no Município de Novo Airão, Estado do Amazonas, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Botânica, v. 10, n. 1, p. 69-76, 1994.

JONES, V. H. The nature and statesof ethobotany. **Chronica Botanica**, v. 6, n. 10, p.219-221, 1941.

JORGE, S. S. A. **O saber medicinal ribeirinho: comunidade de Praia do Poço, Santo Antônio de Leverger – Mato Grosso (Dissertação de Mestrado) IE/UFMT.** Cuiabá. 136p. 2001.

JORGE, S. da S. A. & MORAIS, R. G. de. **Etnobotânica de plantas medicinais.** Disponível em: <[www.agrisustentavel.com/divulgamos.htm](http://www.agrisustentavel.com/divulgamos.htm)>. Acesso em: agosto de 2010.

KAINER, K. A. & DURYEYEA, M. L. Tapping women's knowledge: plan resource use in extractive reserves, Acre, Brazil. **Economic Botany**, v. 46, n. 4, p. 408-425, 1992.

MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C.; VEIGA, V.F.Jr. Plantas Medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v.25, n.3, p.429-438, 2002.

MARTIN, G.J. **Ethnobotany: A methods manual**. London: Chapman & Hall, 1995. 268p.

MATOS, F.J. De A. **Plantas medicinais, guia de seleção e emprego de plantas medicinais usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil**. Vol. I. Fortaleza, IOCE. 1989. 164p.

MING, L.C. Coleta de plantas medicinais. In : DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo, EDUSP. p. 69-89. 1996.

MING, L.C. et al.. Espécies brasileiras com potencial alimentar: uso atual e desafios. In: CAVALCANTI, T. B. (Org.). **Tópicos atuais em botânica: palestras convidadas do 51 Congresso Nacional de Botânica**. Brasília, Embrapa, 2000. p.268-273.

MING, L. C & AMARAL JUNIOR, A. **Aspectos Etnobotânicos de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes"**. (Tese de Doutorado). Botucatu. UNESP. 180p. 1995.

PAULA, F. et al.. **Estudo preliminar etnobotânico de plantas de uso medicinal na região arqueológica de central – Bahia, Brasil**. Disponível em: <[http://www.naya.org.ar/congreso\\_2002/pronencias/martnalocks.htm](http://www.naya.org.ar/congreso_2002/pronencias/martnalocks.htm)>. Acesso em: 07/07/2010.

PLOTKIN, M. J. The importance of ethnobotany for Tropical Forest conservation. In: SCHULTES et al.. (Eds.). **Ethnobotany: Evolution of discipline**. New York. Chapman & Hall, p. 147-156. 1995.

POSEY, D. A. Introdução. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.) **Suma etnológica brasileira**. Vol. I. Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, 1987. P. 15-25.

PRANCE, G. T. Na ethnobotanical comparison of four tribes of Amazonian Indians. **Acta Amazonica**, v. 2, n. 2, p. 1-28, 1972.

\_\_\_\_\_. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. In: Ribeiro, B. G. (Org.). **Suma Etnológica Brasileira**. Vol.1. Rio de Janeiro. p. 119-134. 1985.

\_\_\_\_\_. What is ethnobotany today? **Journal de Ethnopharmacology**, v. 32, p. 209-216. 1991.

\_\_\_\_\_. Ethnobotany today and in the future. In: SCHULTES et al.. (Eds.) **Ethnobotany: Evolution of a Discipline**. New York. Chapman & Hall, p.60-67. 1995.

SALES, M. F. & LIMA, M. J. A. **Formas de uso da flora da Caatinga pelo assentamento da Microrregião de Soledade (PB)**. p.165-184. In: Anais da VII Reunião Nordestina de Botânica, Recife, 1984. Sociedade Botânica do Brasil - Seccional de Pernambuco. Recife. 1985.

SILVA, A. J. R. **Etnobotânica Nordestina: A relação entre comunidades e a vegetação da zona do litoral-mata do Estado de Pernambuco, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2001, 111p.

SILVA, V. A. **Etnobotânica dos índios Xucurú com ênfase às espécies do Brejo da Serra do Ororobá (Pesqueira - PE)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1997, 75p.

SOUSA, V. A. **Índigenas no interior paraibano**. Disponível em: <<http://www.marcoslacerdapb.hpg.ig.com.br/verneck/indigenas.htm-9K>>. Acesso em: 18/01/2004.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 175 p., 1987.

XOLOCOTZI, E. H. El concepto de Etnobotanica. In: BARREIRA, D. (Edit.). **La Etnobotanica: tres puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa, Instituto Nacional de Investigaciones sobre Recursos Bióticos. p. 13-18. 1982.

## **ARTIGO**

**Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga do município de Vista Serrana, Paraíba, Brasil.**

A ser submetido à Revista Brasileira de Plantas Mediciniais

## Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga do município de Vista Serrana, Paraíba, Brasil.

LUCENA, D.F.<sup>1</sup>; MARINHO, M.G.V.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Aluno do Curso de Ciências Biológicas (Licenciatura), Sítio Cachoeira dos Lucas, s/n, s/b, Vista Serrana, Paraíba, Brasil, CEP: 58710-000 ([dinarte.lucena@gmail.com](mailto:dinarte.lucena@gmail.com)); <sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Rodovia Patos/Teixeira, Bairro Jatobá, CEP: 58704-330, Patos, Paraíba, Brasil.

**RESUMO:** Realizou-se um levantamento das plantas medicinais por meio de entrevista com 50 moradores do município de Vista serrana/PB. Utilizou-se questionário semi-estruturado que abordou o nome popular da planta, parte usada, forma de preparo e usos locais. Os resultados mostraram 26 espécies pertencentes a 19 famílias botânicas na categoria medicinal, sendo que a aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All), o cajú (*Anacardium occidentale* L), a malva do reino ou hortelã de folha grande (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), a erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.) e a macela (*Egletes viscosa* (L.) Less.) apresentaram frequência de citação  $\geq 20$ . Foi feita uma breve descrição morfológica das plantas mais citadas, com suas respectivas formas de uso e construído um quadro com todas as plantas para uma melhor compreensão dos fins medicinais de cada uma delas.

**Palavras-chave:** Etnobotânica, Vista serrana, prevenção, espécies utilizadas.

**ABSTRACT: Ethnobotanical survey of the medicinal plants in the backwoods community of the Paraíba – Brazil.** An ethnobotanic survey of the medicinal plants was carried out by interviewing 50 inhabitants of Vista Serrana/ PB municipality. Data on the popular name and structure of the plant used for medicine or food production, and manipulation and preparation local techniques were collected. Data analyses showed that 19 plant families and 26 plant species were classified as medicinal plants, and *Myracrodruon urundeuva* Fr. All., *Anacardium occidentale* L., *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng., *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br., and *Egletes viscosa* (L.) Less., had a frequency of  $\geq 20$  citation. It was a brief morphological description of the plants most cited in their respective forms of use and built a table of all plants to a better understanding of the medicinal purposes of each.

**Keywords:** Ethnobotanic, Vista Serrana, prevention, most used species.

---



## INTRODUÇÃO

As plantas medicinais aparecem no cenário científico como uma possível solução para “cura” de algumas doenças que ainda permanecem afetando a saúde de grande parte da população mundial. O uso popular de plantas medicinais é uma constante em populações de pequenas cidades do interior. Esse costume é repassado geração a geração, mantendo-se “vivo” ao longo do tempo. Dentro desse contexto, fica evidente uma grande credibilidade no manuseio das plantas medicinais por parte dessas comunidades, pois o longo tempo de uso no combate a diversas enfermidades parece funcionar como experimentos que foram testados obtiveram resultados satisfatórios, mantendo assim, a tradição do uso dessas plantas.

Desde muito tempo a fitoterapia aparece no auxílio à medicina como uma forma de prevenção e tratamento de doenças através do uso de plantas medicinais disponíveis em nossa flora. Daí, a importância que as pessoas dessas comunidades possuem nos relatos das plantas com maior ou menor poder medicinal na região, repassando as informações sobre indicação, a parte utilizada, qual a dose necessária para combater ou controlar alguma doença, entre outras informações importantes, para que as mesmas possam ser utilizadas com o aval não só do saber popular, mas também do saber científico.

Martin (1995) relata que quanto mais se sabe sobre o contexto em que as plantas medicinais são empregadas, maior a probabilidade de fazer-se uma avaliação correta da efetividade do seu uso. Esse comentário faz todo sentido quando se observa a variedade de plantas que são usadas, muitas vezes, para o combate a mesma patologia. Sendo assim, há uma intensa necessidade de pesquisas nessa área de conhecimento que possam proporcionar a obtenção de informações que possam realmente comprovar a eficácia dessas plantas e modo de utilização correto.

A importância das informações etnobotânicas é notável, pois proporciona uma rica fonte de conhecimento de dados populares que favorece o descobrimento de substâncias importantes na produção de novos medicamentos. É importante ressaltar que em algumas regiões as plantas medicinais interferem diretamente no

orçamento familiar, pois evitam alguns gastos extras com a saúde sendo utilizadas pela sociedade por serem mais acessíveis em relação ao custo/benefício de alguns medicamentos convencionais. A prática da etnobotânica recebeu diferentes enfoques com o passar do tempo, cada qual refletindo a formação acadêmica dos pesquisadores envolvidos, que sendo de natureza interdisciplinar permite agregar colaboradores de diferentes ciências com enfoques diversos como o social, cultural, da agricultura, da paisagem, da taxonomia popular, da conservação de recursos genéticos, da linguística e outros (Ming, 1995, 1996).

A etnobotânica utiliza e valoriza o conhecimento tradicional dos povos e sobre vários enfoques possibilitam entender suas culturas, bem como a utilização prática das plantas (Silva, 2003). Dentro desse contexto, as pesquisas enfatizam que as populações locais, em geral, possuem uma proximidade muito grande com o meio a sua volta, podendo haver muito a explorar do saber popular que parece ser uma fonte inesgotável de conhecimento no que se refere ao uso de plantas com fins medicinais. Mesmo assim, deve haver também um cuidado especial com o saber popular, pois essa arte pode não acompanhar o processo de mudança que ocorre na sociedade, podendo estar havendo alguma perda de conhecimento com o passar das gerações.

Estudos etnobotânicos podem apresentar abordagem qualitativa ou quantitativa. No caso da pesquisa ter uma abordagem qualitativa, ela não segue uma sequência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento quanto numa pesquisa quantitativa. Existe preocupação em esclarecer como a cultura em questão compreende o mundo vegetal, como o interpreta como é esse relacionamento e as quais níveis chega. E, ainda, examinar o papel que exerce um determinado vegetal em uma determinada cultura, abrangendo assim, o campo da etnoecologia (TRIVIÑOS, 1987).

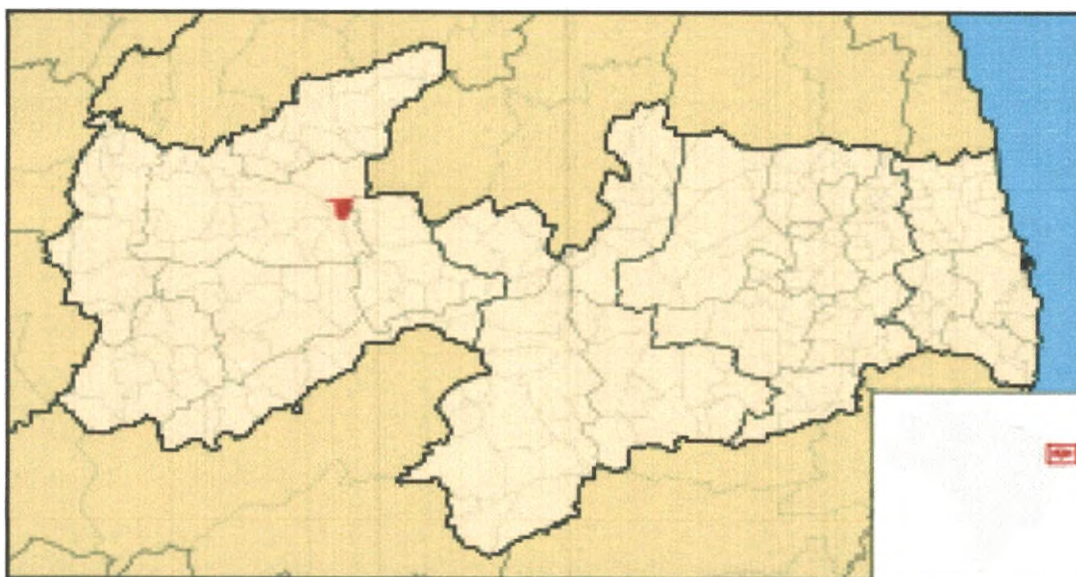
O objetivo deste trabalho foi realizar uma pesquisa voltada para obtenção de informações sobre o conhecimento popular de plantas utilizadas com fins medicinais na comunidade de Vista Serrana, sertão paraibano, e sua relação com a sustentabilidade das famílias residentes nas comunidades, buscando desvendar o passado e o presente dessa prática tão comum nas comunidades rurais paraibanas e que aos poucos vem sendo aprimorada e levada até as cidades na tentativa de manter uma vida mais saudável. Esse estudo pode auxiliar nos estudos biológicos, farmacêuticos, agrônômicos e econômicos, assim como, proporcionar uma melhoria

em relação à utilização dessas plantas com o auxílio do conhecimento científico e não fazendo uso apenas do saber popular. A intenção é promover um uma associação mais ativa e participativa entre o conhecimento científico e o conhecimento popular, o que iria beneficiar cada vez mais a ciência.

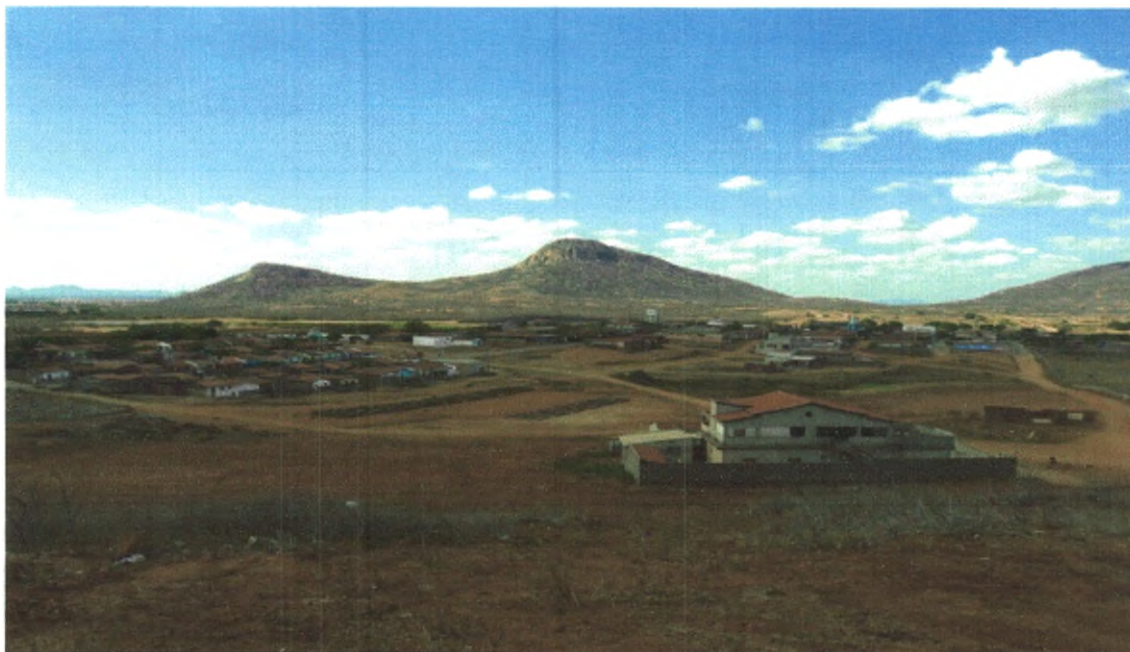
## MATERIAL E MÉTODOS

### Caracterização da área de estudo

Este trabalho foi desenvolvido no município de Vista Serrana (Figura 1) localizado na região oeste do Estado da Paraíba. Possui uma área de 61 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 0,11 km<sup>2</sup> da área do estado, o município situa-se na mesorregião do sertão paraibano e na microrregião de Sousa. Com uma população de 3.512 habitantes, e uma densidade demográfica de 55,81 habitantes por quilômetros quadrados (IBGE, 2010). A sede municipal localiza-se a 240 metros de altitude, têm sua posição geográfica determinada pelos paralelos de 06°44'38" de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 37°34'00" de longitude oeste. O acesso a partir de João Pessoa é feito através da rodovia federal BR-230, leste-oeste, até a cidade de Malta, passando por municípios de Campina Grande, Soledade, Juazeirinho, Assunção, Junco do Seridó, Santa Luzia e Patos. A partir de Malta segue-se para norte em percurso de 21 km na rodovia estadual PB-299 até chegar até Vista Serrana cidade-sede do município.



**FIGURA 1:** Local de trabalho. Município de Vista Serrana, Estado da Paraíba, Nordeste do Brasil.



**FIGURA 2:** Vista da cidade de Vista Serrana/PB. Fonte: LUCENA, D.F.. 2011.

### **Aspectos Fisiogeográficos**

Em termos climatológicos o município de Vista Serrana é quente e seco, com características semi áridas, apresentando chuvas de verão, comum ao sertão paraibano, região onde situa-se o município, na qual o risco de secas periódicas é constante. A temperatura oscila em 27°C (média das mínimas) e 37°C (média das máximas).

O regime pluviométrico, além de baixo é irregular com médias anuais em torno de 800 mm/ano. Devido às oscilações dos fatores climáticos, podem ocorrer variações com valores para cima ou para baixo do intervalo referenciado. No geral, caracteriza-se pela presença de apenas duas estações: a seca que constitui o verão, cujo clímax é de setembro a dezembro e a chuvosa denominada pelo sertanejo de inverno.

A vegetação é caracterizada pela caatinga, podendo apresentar aspectos muito diferenciados de um local para outro, ou até mesmo de uma estação para outra. Essa vegetação é de pequeno porte, típica da caatinga xerófila, onde se destaca a presença de cactáceas, arbustos e árvores de pequeno a médio porte. A pedologia do município é composta em sua maioria por rochas gnáissicas Migmatíticas (metamórficas) e solos de características argilo-arenosa, de

profundidade e fertilidade medianas, adequando-se para a exploração da agricultura e pecuária, com exceção da parte serrana que circunda a sede do município. Esses solos são resultantes da desagregação e decomposição das rochas cristalinas do embasamento, sendo em sua maioria do tipo podizólico vermelho-amarelo de composição arenoargilosa, tendo-se localmente latossolos e porções restritas de solos de aluvião (IBGE, 2003).

### **Seleção da área**

A escolha da área de trabalho justifica-se pelo histórico de população do interior muito isolada de grandes cidades, onde pode haver um relevante conhecimento popular sobre plantas medicinais adquiridas por formação da cultura local, ainda desconhecido pela dificuldade de acesso a essa cidade. A comunidade rural mantém práticas tradicionais e formas de vida voltadas ao uso e preservação dos recursos naturais da região.

### **Escolha da população**

A escolha dos informantes foi baseada em alguns critérios de seleção considerando-se o tempo de moradia no local, a precisão e profundidade de seus conhecimentos sobre plantas medicinais. No município de Vista Serrana foram selecionados 50 informantes, sendo 20 da zona urbana e 30 da zona rural através de alguns critérios estabelecidos para a escolha dos mesmos, como sugere Amorozo, (1996):

- Maiores de 18 anos;
- Efetivos residentes nas comunidades;
- Tempo que residem na região;
- Disponibilidade para participar da pesquisa;
- Dias pré-estabelecidos para as entrevistas.

## **Levantamento etnobotânico**

Para o Levantamento etnobotânico foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 50 informantes, sendo 30 da zona rural e 20 da zona urbana no período de junho de 2011 a outubro de 2011. A partir desta entrevista foram obtidas informações sobre plantas medicinais (parte usada, modo de preparo, indicações), através de aplicação de um questionário sócio-ambiental (Apêndice A).

A investigação Etnobotânica buscou obter informações sobre a utilidade, partes das plantas mais usadas, formas de uso e obtenção das espécies pelo estabelecimento do questionário respondido pelos informantes. A metodologia adotada procurou manter um diálogo com os entrevistados de maneira a deixá-los à vontade para conseguirem expor com eficiência todo seu conhecimento popular. Durante os meses de entrevistas houve bastante interesse em relação aos motivos da pesquisa, assim como a contribuição disso para outros fins.

## **Coleta e identificação de espécies vegetais**

O material botânico foi coletado para tombamento em herbário com o auxílio dos informantes e identificado no momento e após as entrevistas, com a obtenção das partes vegetativas e, quando possível, das reprodutivas. As coletas foram efetuadas nos quintais ou próximos às casas dos informantes durante proveitosas caminhadas realizadas em companhia dos mesmos, de acordo com as recomendações de Martin (1995).

Os estudos morfológicos foram realizados para identificação das espécies com auxílio de chaves analíticas e diagnoses encontradas na bibliografia e por comparação com espécimes já identificados por especialistas. Também se realizou análise comparativa com os trabalhos de Agra (1980, 1996), Agra *et al.* (1994, 1996); Braga (1976); Corrêa (1926, 1978); Costa (1992); Lorenzi & Sousa (1995), e Matos (1997, 1998).

## **Análises dos dados**

Foi calculado o índice de importância relativa (IR) das plantas medicinais utilizadas na comunidade quanto ao número de informantes que as citaram e a concordância dos usos, seguidos a metodologia proposta por Amaro & Gely (1988). O IR é obtido pelo cálculo da porcentagem de concordância quanto aos usos principais de cada espécie (CUP). Considera-se que os usos principais correspondem às indicações mais citadas foi calculada o CUP de cada espécie.

A IR é calculada utilizando a fórmula:  $IR = \frac{NSC}{NP}$ , onde IR é a importância relativa, NSC o número de sistemas corporais obtido pela razão entre o número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE) e o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV). O NP é a razão entre o número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) e o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

$$CUP = \frac{\text{Nº de informantes que citaram usos principais}}{\text{Nº de informantes que citaram o uso da espécie}} \times 100$$

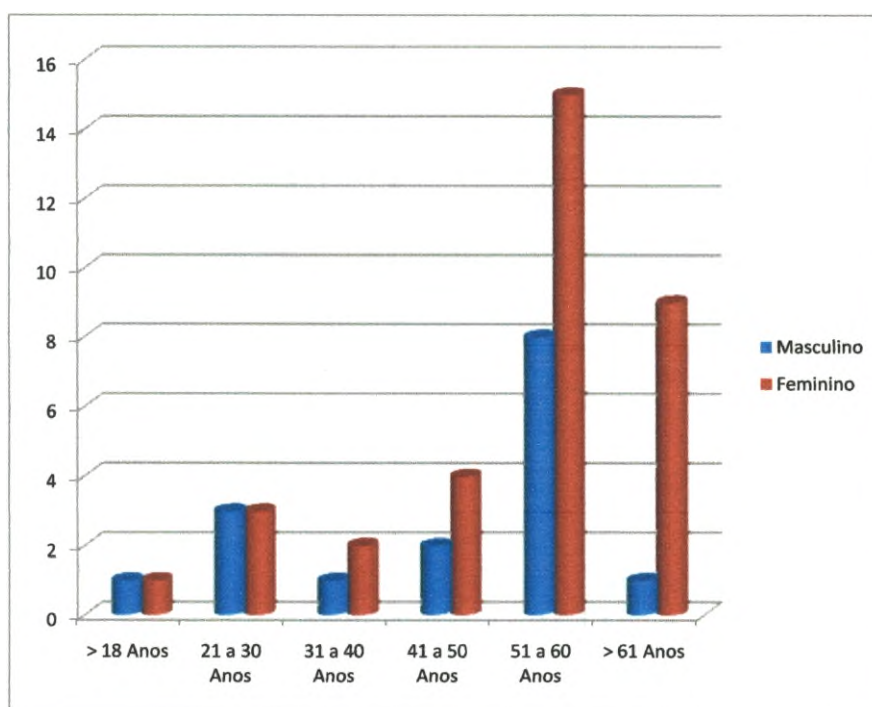
Foi elaborada uma lista das espécies mencionadas pela comunidade, descrita sob o ponto de vista taxonômico e terapêutico tais como toxicidade, contra-indicação e efeito colaterais.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Faixa etária e sexo dos informantes

A idade dos informantes variou entre 18 e 78 anos, destes 46% com idades de 51 a 60 anos. A maioria dos entrevistados pertence ao sexo feminino (68%) (Figura 3). Também foi possível observar que os informantes acima de 50 anos detinham um maior conhecimento em relação ao uso das plantas medicinais. Diferenças sobre o uso e o conhecimento tradicional de plantas são esperadas entre grupos de homens e mulheres, jovens e adultos, em determinada região (Albuquerque *et al.*, 2008; Hanazaki *et al.*, 2000).

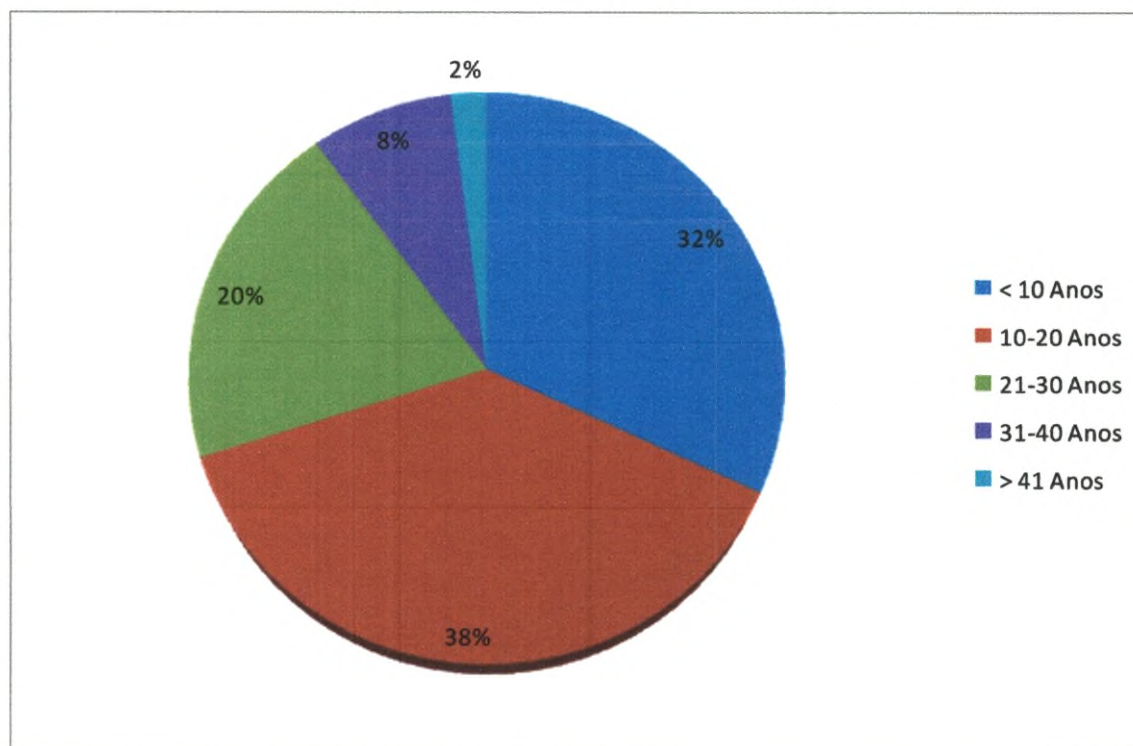


**FIGURA 3:** Nº citações por sexo e faixa etária dos informantes de Vista Serrana/PB

### Tempo de residência no local

O tempo de residência dos informantes no local variou de 1 a 70 anos (Figura 4). A análise dos resultados apontados revelou que a maioria dos entrevistados mora a menos de 10 anos no local, sendo o maior tempo de moradia entre 10 e 20 anos. Esses moradores apresentam um ótimo conhecimento da mata, sendo possível memorizar o local exato de incidência de várias plantas medicinais.

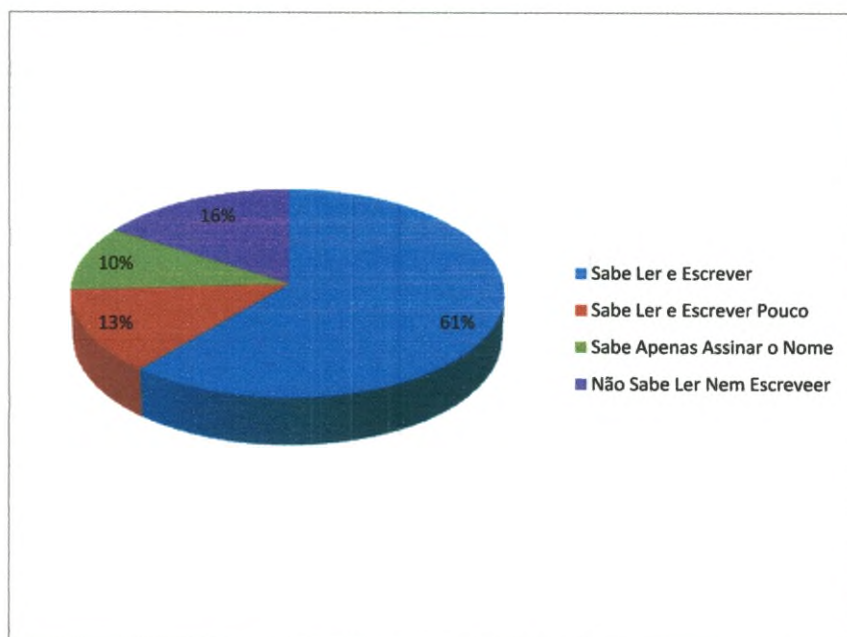
Segundo Amorozo (1996), o tempo o qual uma determinada sociedade ocupa um ambiente é muito importante para estabelecer o nível de precisão e profundidade do conhecimento das plantas medicinais com propriedades terapêuticas.



**FIGURA 4:** Distribuição dos informantes por tempo de residência em Vista Serrana/PB.

## Grau de instrução

Os níveis de alfabetização dos entrevistados indicaram que 61% sabem ler e escrever, 16% não sabem ler nem escrever, 10% sabem apenas assinar o nome e 13% sabem ler e escrever pouco (Figura 5). Desses que sabem ler e escrever estudou até 1º grau completo, aprenderam a ler em casa ou já com idade avançada nos programas do governo para educação de jovens e adultos (EJA). Esta quantidade de analfabetos deve-se ao fato dos pais colocarem as crianças para trabalharem na roça, ajudando assim na economia familiar, tendo que às vezes deixarem de estudar para trabalhar.

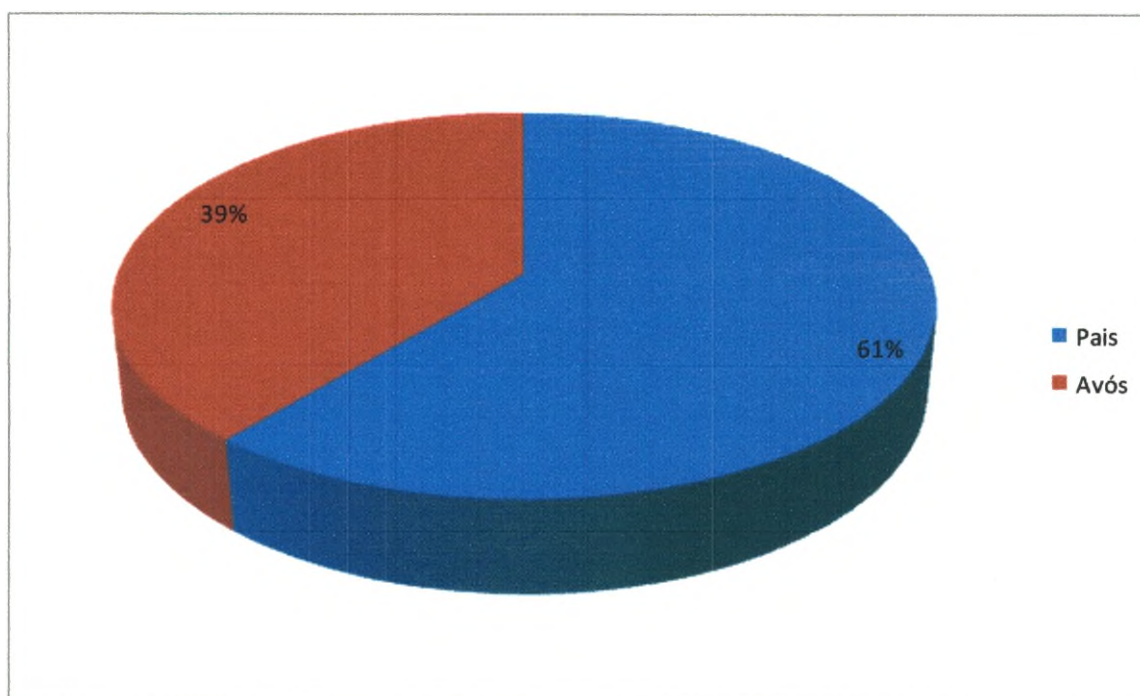


**FIGURA 5:** Grau de instrução dos informantes do município de Vista Serrana/PB.

### Herança do conhecimento do uso de plantas medicinais

A maioria dos entrevistados afirmou que o aprendizado sobre o uso de plantas como medicamento foi adquirido pelos pais (61%) seguido pelos avós (39%) (Figura 6).

O conhecimento popular é repassado de maneira livre e espontânea, é apresentado como algo que ocorre por influência do meio, pelo contato com a caatinga e pela dificuldade de usufruir da medicina moderna por questões econômicas. Esse depende de vários fatores sócio-culturais (Savastano; Di Stasi (1996) apud Barbosa, 2004). Na opinião de Amorozo (2007) este é um tipo de aprendizado que começa cedo, quando as crianças acompanham os adultos e tomam parte na tarefa cotidiana e uma vez aprendida, dificilmente esquecem ou deixam de exercer.

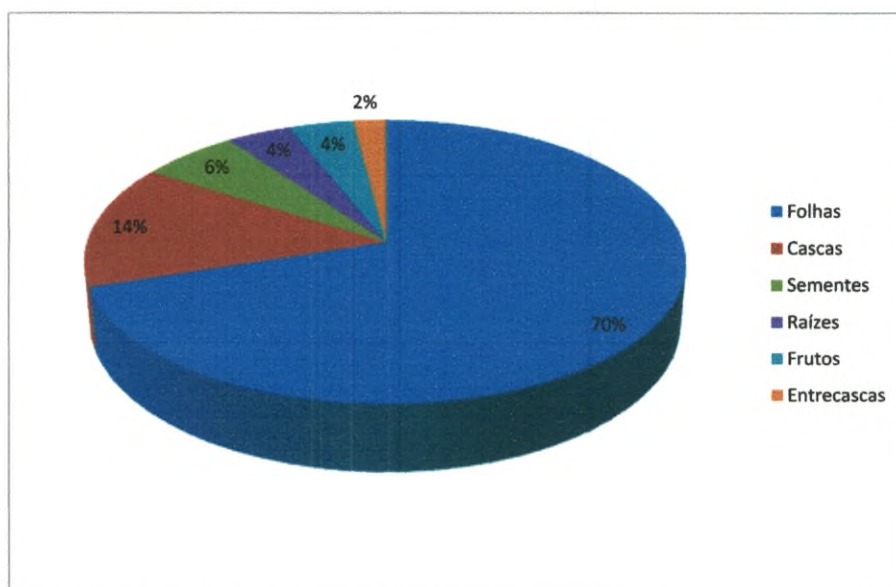


**FIGURA 6:** Herança de conhecimento das espécies de plantas dos informantes de Vista Serrana/PB.

### Partes das plantas utilizadas nas preparações das espécies

Em relação à preparação dos remédios caseiros as partes das plantas mais citadas foram: folhas (70%), cascas do caule (14%), sementes (6%), raiz (4%), fruto (4%) e entrecascas (2%), ficando flores e óleo sem citação. Embora casca do caule e sementes seja muito utilizado, há um predomínio da utilização das folhas, preparadas sob a forma de chá para uso interno (Figura 7).

Resultados semelhantes foram encontrados por Amorozo (2002).

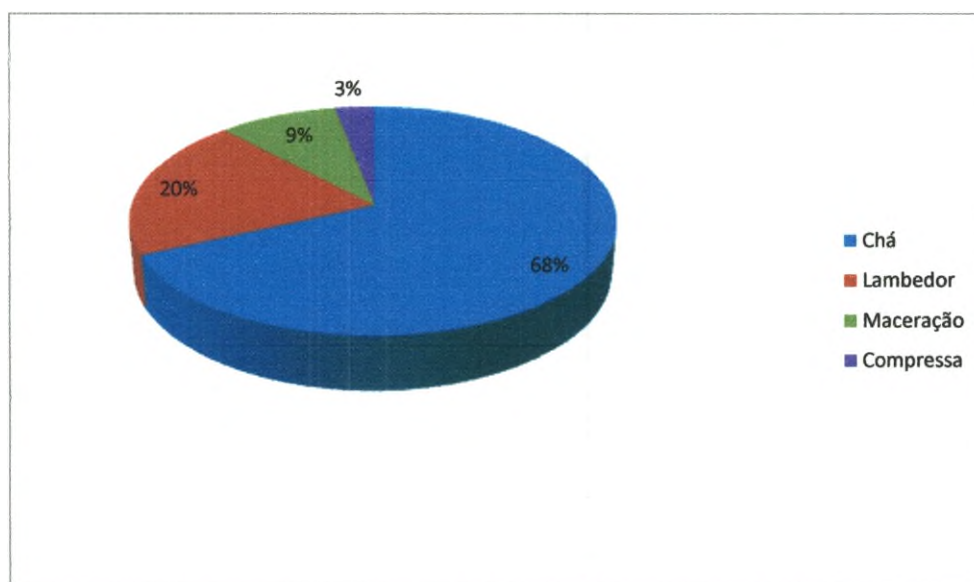


**FIGURA 7:** Partes da planta utilizadas nas preparações das espécies medicinais no município de Vista Serrana/PB.

### Modo de preparo dos remédios

Os informantes possuem uma grande variedade de formas de preparo dos remédios: lambedor (xarope caseiro), chá por decocção e infusão. Verificou-se índice mais elevado para preparação na forma de chá (68%), seguido de lambedor (20%) e um baixo índice do uso da maceração (9%) e compressa (3%) (Figura 8). No caso dos chás a comunidade de Vista Serrana usa em forma de infusão e decocção como descrito para outras comunidades brasileiras por Simões *et al.* (1988), Matos (1989), Santos *et al.* (1995).

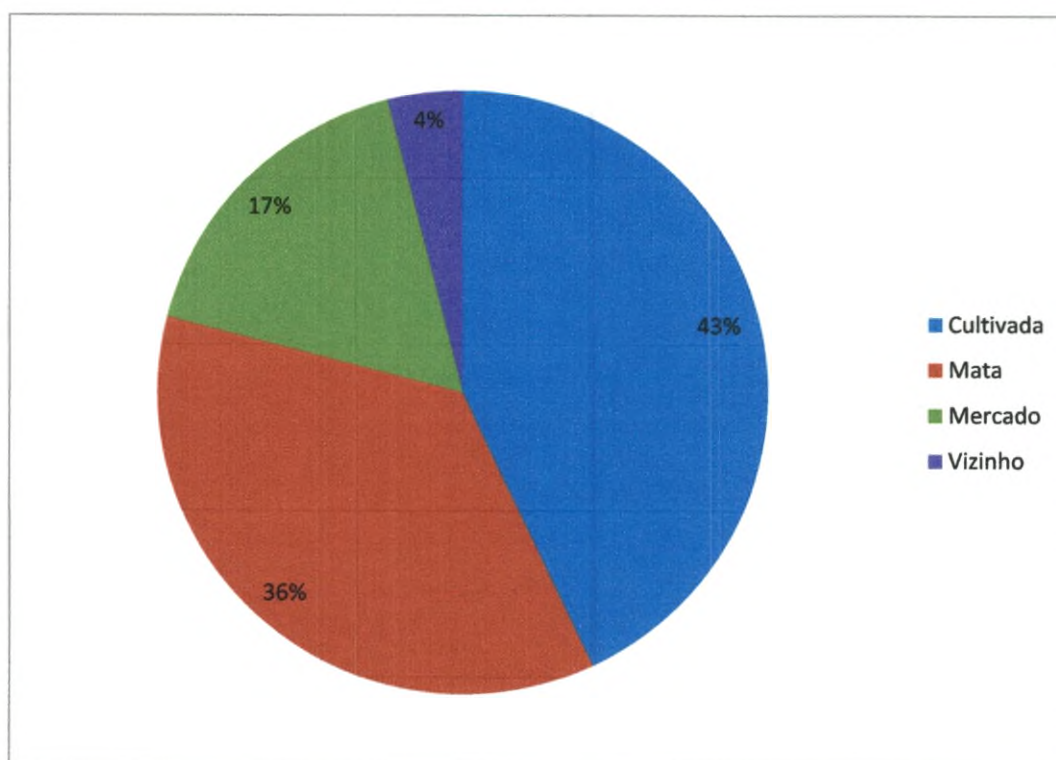
Segundo Kffuri (2008) a forma de preparo é muito importante na conservação adequada dos princípios ativos das plantas medicinais e conseqüentemente da sua eficácia terapêutica.



**FIGURA 8:** Modo de preparo das espécies medicinais citadas pelos entrevistados de Vista Serrana/PB.

## Obtenção das espécies

De acordo com a entrevista, verificou-se que a comunidade estudada mostrou que sempre que há necessidade utiliza plantas cultivadas (43%) em sua própria casa ou na casa de vizinhos (4%). Também adquirem algumas plantas no mercado (17%) e pelo fato de morar em áreas serranas a comunidade demonstra uma tendência a também procurar plantas medicinais na mata (36%), apresentando uma ampla sabedoria na localização dessas plantas. Resultados semelhantes foram encontrados em Santos (2011).



**FIGURA 9:** Procedência das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Vista Serrana/PB.

## Plantas Medicinais

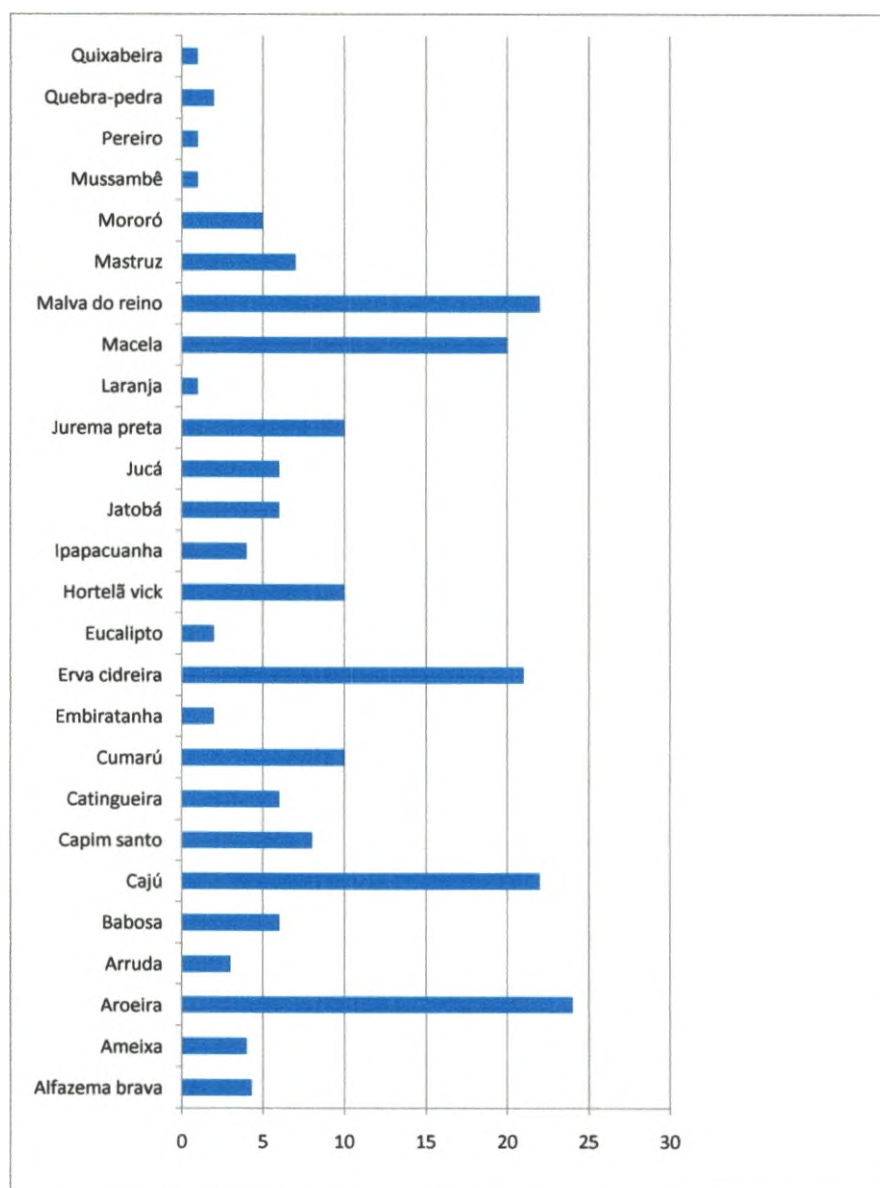
Foram identificadas 26 espécies com uso medicinal, conforme a frequência de citação dos moradores (Figura 10), representadas em 19 famílias botânicas (Quadro 1). As plantas mais citadas na pesquisa são apresentadas abaixo em uma breve descrição botânica sobre sua morfologia e formas de uso.

A Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All.) pertence a família Anacardiaceae. Espécie secundária tardia, decídua com 5 a 30 m de altura. Tronco tipicamente reto com 50 a 80 cm de diâmetro, com casca castanha-escura, desprendendo-se em pequenas placas retangulares nos troncos mais idosos. Folhas compostas, folíolos aromáticos ( quando esmagadas, têm o cheiro parecido com o de manga ), pouco pilosos, oblongos ou ovais, com ápices arredondados ou agudos. Flores amarelo-alaranjadas com forma de estrelas. A casca é reputada como medicinal, é usada em chás e infusões contra vários males, como por exemplo, Bronquite e inflamação do colo do útero.

A Malva do reino (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.) pertence à família Lamiaceae (= Labiatae). Erva grande perene, ereta, tomentosa, semicarnosa e aromática, de 40 cm a 1m de altura. Folhas deltóide-ovais, com disposição oposto-cruzada, de base truncada e margem dentada, com nervuras salientes no dorso, medindo 4-10 cm de comprimento. Flores azulado-claras ou róseas, em longos racemos interrompidos. Em ambiente natural não é possível encontrá-la, sendo apenas cultivada em quintais, pois não floresce nas condições edafoclimáticas do Nordeste, excetuando-se as serras úmidas (Matos, 2000; Oliveira et al., 2006; Oliveira et al., 2007).

Na comunidade utiliza-se o lambedor com as folhas para o tratamento para tosse ou gripe, dores abdominais, dores de cabeça. Ela é antiinflamatória, analgésica, antiespasmódico. Na mastigação das folhas frescas amenizam a rouquidão e inflamação da boca e garganta. No uso infantil, é bom inserir as folhas em mel. Constituintes químicos: mucilagens, óleo essencial (rico em timol), carvacrol, cariofileno, bergamoteno, a-humuleno, cumeno, a-terpineol (Matos, 2000; Oliveira et al., 2006; Oliveira et al., 2007).





**FIGURA 10:** Plantas Medicinais do município de Vista serrana, Paraíba, com respectivos nomes populares de acordo com a frequência de citação.

O Cajú (*Anacardium occidentale* L.) pertence à família Anacardiaceae. É uma árvore de 5 a 10 m de altura por 25 a 40 cm de diâmetro, dotada de tronco curto, geralmente tortuoso, revestido por casca um pouco áspera e partida que descama em pequenas placas de formas irregulares. Planta perenifólia, ou seja, que não perde totalmente as folhas durante o ano, adaptada ao crescimento a pleno sol, com nítida preferência por solos arenosos e bem drenados. Possui copa baixa, arredondada e ampla, com ampla ramificação que chega a tocar o solo. Sua casca e entrecasca são conhecidas pelo poder antiinflamatório, através do uso de chás e maceração.

A Erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.)N.E.Br.) da família Verbenaceae. É um arbusto de até dois metros de altura, muito ramificado. Galhos finos, alongados e quebradiços. Folhas opostas, oblongas ou ovadas, pubescentes ou de bordas serreadas. Flores pequenas de cor rosa, lilás ou brancas reunidas em inflorescências capituliformes. Fruto capsular com sementes pequenas. Planta muito comum em toda a América tropical e subtropical. No Brasil está amplamente distribuída em todo território. Encontrada como planta espontânea em terrenos abandonados e também em hortas domiciliares em todos os estados do país (REITZ, 1982).

Na comunidade utiliza-se o chá com as folhas como tratamento para dores abdominais, pressão alta. É calmante, antiespasmódica, estomáquica e emenagoga. Folhas frescas de erva-cidreira, aplicadas sobre as pálpebras, amenizam dores em inflamações dos olhos. Constituintes químicos: esteróides e óleos essenciais (SIMÕES et al., 1998).

A Macela (*Egletes viscosa* (L.) Less.) da família Asteraceae é uma Erva anual, prostrada, 10-30 cm de altura, fortemente fragrante. Caule e ramos com pelos glanduloso-viscosos. Folhas simples, alternas, curto-pecioladas; lâmina 3-7 cm comprimento, partida, verde-cinérea. Inflorescências em capítulos globosos, 5-7 mm de diâmetro. Flores marginais com lígulas estreitas, 1-2 mm; flores centrais tubulosas, monoclinas, amareladas. Fruto aquênio, 2-3 cm, com papus coroniformes, crassos.

Na comunidade a planta é utilizada por infusão das inflorescências e é indicado como calmante, digestivo, contra flautulências, insônias, tônico capilar, clarear cabelos, perfumar roupas e afugentar os insetos e abortivo.

**QUADRO 1:** Plantas Medicinais utilizadas pelos informantes do Município de Vista Serrana, Paraíba, Brasil.

Nome popular	Família	Nome científico	Parte usada	Preparo	Tratamento	Status
Erva cidreira	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.)N.E.Br.	Folha	Chá	Calmante, dor de barriga, pressão alta.	C
Hortelã vick	Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i> L.	Folha e casca	Insumo	Gripe, congestão nasal, dor de cabeça.	C
Capim santo	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> D.C. Stapf	Folha	Chá	Diarréia, calmante, febre	N
Malva do reino, hortelã da folha grande	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Folha	Lambedor	Tosse, antiinflamatório, estomáquica.	N
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> sp.	Folha	Chá, inalação	Gripe, febre, dor de barriga	C
Jucá	Caesalpinaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Semente e casca	Infusão, maceração	Antiinflamatório e cicatrizante.	C
Mastruz	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Toda a planta	Sumo	Tosse	N
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Folha	Chá	Cólica, sinusite, dor de ouvido	N
Alfazema brava	Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Folha	Chá	Diarréia, gases	N
Macela	Asteraceae	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.	Flores e semente	Chá	Diarréia, barriga inchada	C
Jatobá	Caesalpinaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Casca e fruto	Decocção ou cozimento	Inflamação da garganta, limpa o sangue	N
Babosa	Liliaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burman	Folha	Chá, emplasto	Câncer da próstata, uso capilar	N
Laranja	Rutaceae	<i>Citrus x sinensis</i> L.	Fruto e folha	Suco	Nutritiva, remédio	N
Jurema preta	Mimosaceae	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Will.)Poiret.	Casca e entrecasca	Maceração	Antiinflamatório e cicatrizante	C
Ameixa	Olacaceae	<i>Xymeria americana</i> L.	Casca	Decocção	Diurético, anti-hemorroidal, anti-coagulante	C
Aroeira	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All.	Casca	Chá, banho de assento	Bronquite, inflamação do colo do útero	N
Cajú	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Casca, entrecasca	Chá, maceração	Antiinflamatório	C
Cumarú	Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Fr. All.) A.C Smith	Casca, fruto, semente	Chá, xarope, maceração	Sinusite, gripe, bronquite	N
Quebra-pedra	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Toda a planta	Chá	Cálculo renal	N
Quixabeira	Sapotaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn.	Casca	Infusão	Anexite, pancadas.	N
Mussambê	Capparaceae	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Toda a planta	Xarope, infuso	Béquico, gripe, bronquite, cefaléia.	N
Pereiro	Apocynaceae	<i>Aspidosperma pyriforme</i> Mart.	Casca	Maceração	Dores estomacais.	N

Ipecacuanha	Violaceae	<i>Hybanthus ipecacuanha</i> (L.) Oken	Raiz	Xarope, infuso	Bronquite, febrífuga, gripe.	C
Mororó	Caesalpinaceae	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Folha, casca, flor	Chá, maceração	Diabetes, cálculo renal	N
Embiratanha	Bombacaceae	<i>Pseudobombax marginatum</i> Mart.	Casca, folha	Chá	Dores na coluna	N
Catingueira	Caesalpinaceae	<i>Poincianella pyramidalis</i> L.	Folhas, casca	Chá	Tosse	N

## CONCLUSÕES

O conhecimento sobre o uso de plantas dos informantes demonstrou ser oriunda dos ancestrais, em sua maioria transmitida pelos pais ao longo das gerações.

Diante do estudo foi possível analisar que as comunidades do interior são detentoras de grande conhecimento popular no uso de plantas medicinais, podendo auxiliar muitos pesquisadores em novas descobertas científicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, M.F.; LOCATELLI, E.; ROCHA, E.A.; BARACHO, G.S.; FORMIGA, S.C. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba. Parte II: Subclasse Magnoliidae, Caryophyllidae, Dilleniidae e Rosidae. **Revista Brasileira de Farmácia**. Rio de Janeiro, v.77, n.3, p.97-102, 1996.

AGRA, M.F.; ROCHA, E.A.; FORMIGA, S.C.; LOCATELLI, E. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba. Parte I: Subclasse Asteridae. **Revista Brasileira de Farmácia**. Rio de Janeiro, v.75, n.3, p.61-64, 1994.

AGRA, M.F. Contribuição ao estudo das plantas "medicinais" na Paraíba. In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL, 6, 1980, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Sociedade Brasileira para o Progresso de Ciência – SBPC, Brasil, 1980. p.64-66.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & NETO, E.M.F.L. 2008. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C.C. (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2ª. ed. Recife: COMUNIGRAF.

ALMASSY JUNIOR, A. A. **Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, ouro Preto/MG**. Tese de doutorado. Viçosa/MG. UFV. 2004. xiv. 132f. il 29cm.

AMOROZO, M.C.M. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciências – um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996. p.47-68.

AMOROZO, M. C. M. A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade. In: **Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, XIV**, Rio Claro: UNESP, 2002. 2p.

AMOROZO, M. C. M. **Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade**. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/MariaA.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2007.

AMOROSO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.1, p.47- 131, 1988.

ANDRADE, F.M.C.; CASALI, V.W.D. Etnobotânica e estudo de plantas medicinais. In: Rodrigues, A.G et al. **Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa, MG: UFV, DFT, 2002.

BARBOSA, J. M. **Análise etnobotânica de plantas medicinais em comunidades do município de Uberlândia, MG. 2004**. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004. 35p.

BEGOSSI, A. 1998, **I workshop brasileiro de etnobotânica e botânica econômica**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005. p. 108-119

BRAGA, R. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1976. 540p.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. Secretaria de Minas e Metalurgia; CPRM – Serviço Geológico do Brasil [CD ROM] **Geologia, tectônica e recursos minerais do Brasil, Sistema de Informações Geográficas SIG**. Mapas na escala 1:2.500.000. Brasília: CPRM, 2001. Disponível em 04 CD's

BRILHO, R. C. **A cultura da hortelã pimenta**. Manual Técnico do Engenheiro Agrônomo. Instituto Agrônomo de Campinas, Campinas, SP, 1963, 13p.

CORRÊA, M.P. **Dicionário de plantas úteis no Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926-1978. 747p.

COSTA, M.A. **Plantas & Saúde: guia introdutório à fitoterapia**. Distrito Federal: Secretaria de Saúde, 1992. 88p.

COTTON, C.M. **Ethnobotany: Principles and applications**. London: Wiley, 1996. 424p.

DE-LA-CRUZ-MOTA, M.G.F. **O trabalho de campo sob perspectiva da Etnobotânica**. 1997. 36f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

FONSECA-KRUEL, V. S. da; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, mar. 2004.

FORMAN, L.; BRIDSON, D. **The herbarium handbook key**. Royal Botanic Gardens: UK, 1989. 167p.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J.Y.; LEITÃO-FILHO, H.F. & BEGOSSI, A. 2000. Diversity of plant uses in two caçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 9: 597-615.

IBGE, 2003. Censo Demográfico de 2010. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Vista Serrana, fornecidos em meio eletrônico. [www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br). Acesso em: 12 OUT. 2009.

KFFURI, C. W. **Etnobotânica de plantas medicinais no município de Senador Firmino- MG, Viçosa**, 2008. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia), Universidade Federal de Viçosa (UFV).

LORENZI, H.; SOUZA, H.M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. São Paulo: Plantarum, 1995. 720p.

MACEDO, M.; FERREIRA, A. R. Plantas hipoglicemiantes utilizadas por comunidades tradicionais na Bacia do Alto Paraguai e Vale do Guaporé, Mato

Grosso - Brasil. **Rev. Bras. Farmacogn.**, v. 14, s.1, p.45-47, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 25 ago. 2010.

MARTIN, G.J. **Ethnobotany: A methods manual**. London: Chapman & Hall, 1995. 268p.

MARTINS, E.R.; CASTRO D.M. de; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 2000. 220p.

MATOS, F.J. De A. **Plantas medicinais, guia de seleção e emprego de plantas medicinais usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil**. Vol. I. Fortaleza, IOCE. 1989. 164p.

MATOS, A.D.; PESSOA NETO, J.A. **Caracterização do uso de plantas em uma comunidade do estuário amazônico, Ilha da Boa Vista, Estado do Pará**. Belém. 1993. 29f. Monografia (Graduação em Farmácia-Bioquímica), Centro Universitário do Pará, Universidade Federal do Pará, Belém. 1993.

MATOS, F.J. de A. **Farmácias vivas: Sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. Fortaleza: EUFC, 1998. 179p.

MATOS, F.J. de A. **As plantas das farmácias vivas: Álbum de gravuras para identificação das principais plantas medicinais do projeto farmácias vivas**. Fortaleza: BNB, 1997. 57p.

MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais: Guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil**. 2ed. Fortaleza: Imprensa Universitária-UFC. 2000.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S. da; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 2, p. 391-399, jun. 2004.

MING, L.C. **Levantamento de plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes. Acre**. Universidade Estadual Paulista, 1995. 180f. Tese (Doutorado em Botânica), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

OLIVEIRA, F. de.; AKISSUE, G. **Fundamentos de Farmacobotânica**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1989. 222p.

OLIVEIRA, R.A.G; LIMA, E.O; VIEIRA, W.L; FREIRE, K.R.L; TRAJANO, V.N; LIMA, I.O; SOUZA, E.L; TOLEDO, M.S; SILVA-FILHO R.N. Estudo da interferência de óleos essenciais sobre a atividade de alguns antibióticos usados na clínica. **Rev Bras Farmacogn** 16: 77-82. 2006.

OLIVEIRA, R.A.G; LIMA, E.O; SOUZA, E.L; VIEIRA, W.L; FREIRE, K.R.L; TRAJANO, V.N; LIMA, I.O; SILVA-FILHO, R.N. Interference of *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng essential oil on the anti-*Candida* activity of some clinically used antifungals. **Rev Bras Farmacogn** 17: 186-190. 2007.



PHILLIPS, O.; GENTRY, A.M. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypothesis with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v.47, n.1, p.15-32, 1993.

POSEY, D. Etnobiologia: Teoria e Prática. In: Ribeiro, B.G. (Coord). **Suma Etnológica Brasileira, (Etnobiologia)**. Petrópolis: Vozes, FINEP, v.1, 1986. 302p.

PRISTA, L.N., MORGADO, R., ALVES, A.C. **Tecnologia farmacêutica e farmácia galênica**. 2.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973. 2v, 244p.

REITZ, R. **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: [s.n], 1982. p. 1309-1314.

ROMAN, A.L.C. **Plantas Medicinais da Restinga da Princesa, Ilha de Algodal, Município de Maracanã, Estado do Pará, Brasil**. 104p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Belém, 2001.

SANTOS, C.A., MARINHO, M.G.V., **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas em área de caatinga do município de Catingueira, Paraíba, Brasil**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais. Patos: n.1, 41p., 2011.

SANTOS, M.G., DIAS, A.G.P., MARTINS, M.M. Conhecimento e uso da medicina entre alunos e professores de primeiro grau. **Rev. Saúde Pública**, v. 26, n. 3, p. 221-7, 1995.

SIMÕES, C.M.O, MENTZ, L. A, SCHENKEL, E.P. **Plantas da medicina popular do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998. 173p.

SILVA, A.F. **Levantamento do uso de plantas medicinais na população do centro urbano e zona rural denominada Lagoa dos Martins no município de Piumhi – MG**. Lavras, UFLA, 2003. 60p. (Monografia de conclusão de curso de pós-graduação Lato Senso em gestão e manejo ambiental de sistemas agroflorestais).

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 175 p., 1987.

## APÊNDICE

APÊNDICE A – Formulário sócio – ambiental aplicado nos núcleos familiares das comunidades de Catingueira/PB e Salgadinho/PB.

### PESQUISA DE CAMPO

ENTREVISTA Nº \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

LOCAL: \_\_\_\_\_

### DADOS PESSOAIS:

-Nome: \_\_\_\_\_

- Sexo: F ( ) M ( ) Idade: \_\_\_\_\_

- Estado Civil: Solteiro ( ) Casado ( ) Viúva ( ) Outro ( )

- Você tem filhos: Sim ( ) Não ( )

- Há quanto tempo mora no local? \_\_\_\_\_

- Onde morou antes? \_\_\_\_\_

- Qual a escolaridade? ( ) Analfabeto ( ) 1º grau completo

( ) 1º grau incompleto ( ) 2º grau completo

( ) 2º grau incompleto ( ) 3º grau completo

( ) 3º grau incompleto

- Qual o seu nível de instrução: Sabe ler e escrever ( )

Sabe apenas assinar o nome ( )

Sabe ler e escrever pouco ( )

Não sabe ler nem escrever ( )

- De onde vêm seus conhecimentos com plantas medicinais?

Pais ( ) Avós ( ) TV ( ) Rádio ( ) Jornal ( ) experiência própria ( )

- Qual a sua profissão?

Agricultor ( ) Comerciante ( ) Funcionário público ( ) Outra ( )

### PLANTAS MEDICINAIS

Costuma usar plantas medicinais? Com que frequência?

Quais plantas você consome que tem uso medicinal?

- Para quais enfermidades costuma utilizar tal planta? Descreva.

- Qual a parte da planta que mais usa?

Folha ( ) Flor ( ) Fruto ( ) Semente ( ) Raiz ( ) Casca ( ) Entrecasca ( ) Óleo

( )

- De que forma prepara?

Chá ( ) Lambedor ( ) Maceração ( ) Decocção ( ) Infusão ( ) Outros ( )





## ANEXO

Normas da Revista Brasileira de Plantas Mediciniais a ser submetido o artigo.

### INSTRUÇÕES AOS AUTORES

A *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais - RBPM* é publicação trimestral e destina-se à divulgação de trabalhos científicos originais, revisões bibliográficas e notas prévias, que deverão ser inéditos e contemplar as grandes áreas relativas ao estudo de plantas mediciniais. Manuscritos que envolvam ensaios clínicos deverão vir acompanhados de autorização de Comissão de Ética constituída, para realização dos experimentos. Os artigos podem ser redigidos em português, inglês ou espanhol, sendo sempre obrigatória a apresentação do resumo em português e em inglês, independente do idioma utilizado. Os artigos devem ser enviados por email: [rbpm@ibb.unesp.br](mailto:rbpm@ibb.unesp.br), com letra Arial 12, espaço duplo, margens de 2 cm, em Word for Windows. Artigos muito extensos, fotografias e gráficos coloridos podem ser publicados, a critério do Corpo Editorial, se o autor se comprometer, mediante entendimentos prévios, a cobrir parte das despesas de publicação. No e-mail, enviar telefone para contatos mais urgentes.

#### REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS E NOTAS PRÉVIAS

Revisões e Notas prévias deverão ser organizadas basicamente em: Título, Autores, Resumo, Palavras-chave, Abstract, Key words, Texto, Agradecimento (se houver) e Referência.

**ARTIGO CIENTÍFICO:** Os artigos deverão ser organizados em:

**TÍTULO:** Deverá ser claro e conciso, escrito apenas com a inicial maiúscula, negrito, centralizado, na parte superior da página. Se houver subtítulo, deverá ser em seguida ao título, em minúscula, podendo ser precedido de um número de ordem em algarismo romano. Os nomes comuns das plantas mediciniais devem ser seguidos pelo nome científico entre parênteses, verificado em [www.tropicos.org](http://www.tropicos.org) e [www.ipni.org](http://www.ipni.org).

**AUTORES:** Começar pelo último sobrenome dos autores por extenso (nomes intermediários somente iniciais, sem espaço entre elas) em letras maiúsculas, 2 linhas abaixo do título. Após o nome de cada autor deverá ser colocado um número sobrescrito que deverá corresponder instituição e endereço (CEP, cidade, país). Indicar o autor que deverá receber a correspondência, com e-mail. Os autores devem ser separados com ponto e vírgula.

**RESUMO:** Deverá constar da mesma página onde estão o título e os autores, duas linhas abaixo dos autores. O resumo deverá ser escrito em um único parágrafo, contendo objetivo, resumo do material e método, principais resultados e conclusão. Não deverá apresentar citação bibliográfica.

**Palavras-chave:** Deverão ser colocadas uma linha abaixo do resumo, na margem esquerda, podendo constar até cinco palavras, separadas com vírgula.

**ABSTRACT:** Apresentar o título e resumo em inglês, no mesmo formato do redigido em português, com exceção do título, em negrito, apenas com a inicial em maiúscula, que virá após a palavra **ABSTRACT**.

**Keywords:** Abaixo do abstract deverão ser colocadas as palavras-chave em inglês, podendo constar até cinco palavras, separadas com vírgula.

**INTRODUÇÃO:** Na introdução deverá constar breve revisão de literatura e os objetivos do trabalho. As citações de autores no texto deverão ser feitas de acordo com os seguintes exemplos: Silva (1996); Pereira & Antunes (1985); (Souza & Silva, 1986) ou quando houver mais de dois autores Santos et al. (1996).

**MATERIAL E MÉTODO:** Deverá ser feita apresentação completa das técnicas originais empregadas ou com referências de trabalhos anteriores que as descrevam. As análises estatísticas deverão ser igualmente referenciadas. Na metodologia deverão constar os seguintes dados da espécie estudada: nome científico com autor; nome do herbário onde a excicata está depositada e o respectivo número (*Voucher Number*).

**RESULTADO E DISCUSSÃO:** Poderão ser apresentados separados ou como um só capítulo, podendo conter no final conclusão sumarizada.

**AGRADECIMENTO:** deverá ser colocado neste capítulo (quando houver).

**REFERÊNCIA:** As referências devem seguir os exemplos:

**Periódicos:**

AUTOR(ES) separados por ponto e vírgula, sem espaço entre as iniciais. Título do artigo. **Nome da Revista, por extenso**, volume, número, página inicial-página final, ano.

KAWAGISHI, H. et al. Fractionation and antitumor activity of the water-insoluble residue of *Agaricus blazei* fruiting bodies. **Carbohydrate Research**, v.186, n.2, p.267- 73, 1989.

**ATENÇÃO:** *Artigos que não estiverem de acordo com essas normas serão devolvidos.*

**Observação:** São de exclusiva responsabilidade dos autores as opiniões e conceitos emitidos nos trabalhos. Contudo, reserva-se ao Corpo Editorial, o direito de sugerir ou solicitar modificações que julgarem necessárias.

**Livros :**

AUTOR. **Título do livro**. Edição. Local de publicação: Editora, Ano. Total de páginas.

MURRIA, R.D.H.; MÉNDEZ, J.; BROWN, S.A. **The natural coumarins**: occurrence, chemistry and biochemistry. 3.ed. Chinchester: John Wiley & Sons, 1982. 702p.

**Capítulos de livros:**

AUTOR(ES) DO CAPÍTULO. Título do Capítulo. In: AUTOR (ES) do LIVRO. **Título do livro**: subtítulo. Edição. Local de Publicação: Editora, ano, página inicial-página final.

HUFFAKER, R.C. Protein metabolism. In: STEWARD, F.C. (Ed.). **Plant physiology**: a treatise. Orlando: Academic Press, 1983. p.267-33.

**Tese ou Dissertação:**

AUTOR. **Título em destaque:** subtítulo. Ano. Total de páginas. Categoria (grau e área de concentração) - Instituição, Universidade, Local.

OLIVEIRA, A.F.M. **Caracterização de Acanthaceae medicinais conhecidas como anador no nordeste do Brasil.** 1995. 125p. Dissertação (Mestrado - Área de Concentração em Botânica) - Departamento de Botânica, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

#### **Trabalho de Evento:**

AUTOR(ES). Título do trabalho. In: Nome do evento em caixa alta, número, ano, local. **Tipo de publicação em destaque...** Local: Editora, ano. página inicial-página final. VIEIRA, R.F.; MARTINS, M.V.M. Estudos etnobotânicos de espécies medicinais de uso popular no Cerrado. In: INTERNATIONAL SAVANNA SYMPOSIUM, 3., 1996, Brasília. **Proceedings...** Brasília: Embrapa, 1996. p.169-71.

#### **Publicação Eletrônica:**

AUTOR(ES). Título do artigo. **Título do periódico em destaque**, volume, número, página inicial-página final, ano. Local: editora, ano. Páginas. Disponível em: <<http://www.....>>. Acesso em: dia mês (abreviado) ano.

PEREIRA, R.S. et al. Atividade antibacteriana de óleos essenciais em cepas isoladas de infecção urinária. **Revista de Saúde Pública**, v.38, n.2, p.326-8, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 18 abr. 2005.

Não citar resumos e relatórios de pesquisa a não ser que a informação seja muito importante e não tenha sido publicada de outra forma. Comunicações pessoais devem ser colocadas no rodapé da página onde aparecem no texto e evitadas se possível. Devem ser, também, evitadas citações do tipo Almeida (1994) citado por Souza (1997).

**TABELAS:** Devem ser inseridas no texto, com letra do tipo Arial 10, espaço simples. A palavra TABELA (Arial 12) deve ser em letras maiúsculas, seguidas por algarismo arábico, quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Tabela).

**FIGURAS:** As ilustrações (gráficas, fotográficas, desenhos, mapas) devem ser em letras maiúsculas seguidas por algarismo arábico, Arial 12, inseridas no texto. Quando citadas no texto devem ser em letras minúsculas (Figura). As legendas e



eixos devem ser em Arial 10, enviadas em arquivos separados, com resolução 300 DPI, 800 x 600, com extensão JPEG, para impressão de publicação.

**Processo de avaliação:** Os manuscritos são analisados por pelo menos dois pareceristas, segundo roteiro de análise, baseado principalmente no conteúdo científico. Os pareceristas recomendarão a aceitação, com ou sem necessidade de retornar; recusa ou sugerir reformulações, que neste caso, o artigo reformulado retornará aos pareceristas para avaliação final. Quando no mínimo 2 pareceristas aprovarem, sem necessidade de retornar, o artigo estará pronto para ser publicado. Os nomes dos pareceristas permanecerão em sigilo, omitindo-se também perante estes os nomes dos autores.

**Direitos autorais:** Ao encaminhar um manuscrito para a revista, os autores devem estar cientes de que, se aprovado para publicação, o copyright do artigo, incluindo os direitos de reprodução em todas as mídias e formatos, deverá ser concedido exclusivamente para a Revista Brasileira de Plantas Mediciniais. A revista não recusará as solicitações legítimas dos autores para reproduzir seus artigos.